



O Amor Mora ao Lado

A vida também nos reserva boas surpresas...

DEBBIE MACOMBER

Autora best-seller do

The New York Times

com mais de 160 milhões de livros vendidos



Capa

Sumário

Folha de Rosto

Folha de Créditos

Dedicatória

Agradecimentos

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Nove

Dez

Petiscos Caseiros Para Seu Gato

Notas

Leia também – A Pousada Rose Harbor

Capítulo 1

O Amor
Mora  Lado

A vida também nos reserva boas surpresas...

DEBBIE MACOMBER

Tradução
Paula Gentile Bitondi



Publicado sob acordo com Harper Collins Publishers
Título original: Family Affair
Copyright © 1994, 2011 by Debbie Macomber
Copyright © 2013 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão digital – 2013

Produção Editorial:
Equipe Novo Conceito

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Macomber, Debbie
O amor mora ao lado / Debbie Macomber; tradução Paula Gentile Bitondi. -- 1.
ed. -- Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2013.

Título original: Family affair.
ISBN 978-85-8163-297-1

1. Ficção norte-americana I. Título.

13-06052 | CDD-813

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura norte-americana 813



Rua Dr. Hugo Fortes, 1.885 – Parque Industrial Lagoinha
14095-260 – Ribeirão Preto – SP
www.editoranovoconceito.com.br

*Para Denise Weyrick,
por seu amor, sua bondade,
sua dedicação à família e aos amigos,
e também por sua coragem*



Queridos amigos,

Muitos anos atrás me pediram para escrever uma história que tivesse um gato como personagem. Sem problemas, nossos filhos já tiveram vários gatos. O primeiro animal de estimação que Wayne e eu tivemos era um gato que se chamava, de maneira bem apropriada, Kitty. Durante os primeiros anos de nosso casamento, os gatos eram tudo para nós. Depois, além dos filhos, vieram os hamsters, os porquinhos-da-índia, vários cães, uma ou duas cobras, um corvo ferido e até um cavalo. A casa virou um zoológico. Quatro filhos que nasceram em um período de cinco anos e uma coleção de animais... Ah, os velhos tempos!

Dei à minha história o título de *O Amor Mora ao Lado* por motivos que vocês entenderão assim que começarem a ler. O livro fez um pequeno alvoroço no mundo das publicações; depois, foi colocado de lado no banco de dados de algum computador, até agora...

Aparentemente minha gata Cléo, a heroína do livro, tem mais de uma vida. Ela está de volta e mal pode esperar para contar sua história. Como vocês verão em seguida, o amor no mundo dos gatos é quase tão complicado quanto no mundo dos humanos.

Espero que gostem desta comédia romântica, ressurgida das cinzas como a fênix, para viver e encantar mais uma vez. Sirvam-se de uma xícara de chá, aconcheguem-se em uma cadeira confortável e, se possível, coloquem um gato no colo e o afaguem enquanto estiverem lendo. Sempre achei reconfortante ter um animal no colo.

Adoro falar com meus leitores. Você pode entrar em contato comigo pelo meu site: www.DebbieMacomber.com ou escrevendo para P. O. Box 1458, Port Orchard, WA 98366.

Com amor,
Debbie Macomber

Um



— Sou tão firme quanto uma minhoca — Lacey Lancaster murmurou enquanto entrava em seu apartamento. Jogou a correspondência sobre uma mesa de canto e olhou para Cléo. — Não disse uma palavra ao Sr. Sullivan, não soltei nem um pio.

Cléo, sua gata da raça abissínia, entrelaçou o corpo amorosamente nos tornozelos de Lacey. O rabo dela se enrolou em volta de sua canela como um boá de penas, suave, macio e acalentador.

— Tive a oportunidade perfeita para pedir um aumento, e você acha que a aproveitei? — Lacey perguntou, chutando o ar para que os sapatos voassem em direções contrárias. — Ah, não, deixei-a passar. E sabe por quê?

Cléo aparentemente não sabia. Lacey tirou a capa de chuva de vinil verde-brilhante, abriu a porta do armário e a enfiou lá dentro.

— Porque sou uma covarde, por isso!

Entrando na cozinha, ela abriu a geladeira, botou a cabeça lá dentro e ficou observando deprimentes sobras de comida, duas embalagens de comida chinesa e os bulbos de tulipa que ela pretendia plantar na sacada outubro passado.

— Estou morta de fome! — Ela abriu a gaveta de vegetais e pegou um talo mole de aipo. — Você sabe qual é o meu problema, não sabe?

Cléo miou e se esfregou nos tornozelos de Lacey novamente.

— Ah, desculpe! Você também deve estar com fome. — Lacey abriu o armário da cozinha e pegou uma lata de comida para gatos. Para sua surpresa, Cléo não demonstrou nem um pingote de interesse, levantou o rabo e empinou o traseiro.

— O que está havendo com você? Sério, Cléo, esse não é o momento para bancar a esquisita. Preciso conversar! — Levando seu talo de aipo consigo, foi até a sala e se jogou no sofá.

— Trabalho como uma escrava, aguento todo tipo de hora extra sem receber nem um tostão por isso, aliás, e tudo isso para quê? O Sr. Sullivan não me dá valor. E ainda usa as *minhas* ideias de decoração. A pior parte é que ele nem se dá ao trabalho de me dar crédito. — Ela abocanhouna a ponta do aipo e mastigouna com se estivesse se vingando de algo. O talo balançou de um lado para outro com o ataque e, então, curvou-se lentamente para baixo.

Lacey estudou o aipo.

— Parece comigo, de tão mole! — Sem conseguir ficar sentada, começou a andar pela pequena sala. — Não tive aumento durante o ano todo em que trabalhei para ele, mas assumi muitas outras responsabilidades e completei projetos que ele não podia ou não queria fazer. Se não fosse por mim, o Sr. Sullivan não saberia o que estava acontecendo no próprio negócio. — Nesse ponto, ela já estava sem fôlego e furiosa. — Trabalho mais que ele, mas ele quem é o dono, por Deus!

Obviamente Cléo concordava, pois soltou um gemido grave e choroso. Lacey nunca havia tido um gato, mas, depois de um divórcio devastador, sentiu que precisava de alguém. Ou de uma coisa. Que veio a ser Cléo.

Ela avistou a gata pela primeira vez na vitrine de um pet shop, com um olhar desamparado. O irmão e a irmã de Cléo haviam sido vendidos duas semanas antes e ela estava sozinha. Abandonada, a gata, já um pouco crescida, olhava, sem esperança e triste, o mundo passar diante de seus olhos.

Lacey estava sofrendo com as mesmas emoções e, logo que se conheceram, as duas se tornaram amigas. Nada bobo, o dono do pet shop reconhecia uma boa venda de longe. Ele usou toda sua lábia para convencê-la de que Cléo era um ótimo investimento. Se ela a cruzasse e vendesse os filhotes, dentro de mais ou menos um ano, de acordo com ele, o investimento original seria compensado.

Lacey não estava muito interessada em criações, mas parecia algo que deveria tentar. Ela queria companhia, e, depois de seu casamento desastroso, não queria mais saber de homens em sua vida. Um gato não mentiria para ela, não a trairia nem a faria sofrer. Peter, no entanto, havia feito tudo isso com uma precisão cirúrgica.

Ah, o velho Peter! Ela lhe deveria agradecer por todas as lições preciosas que ele a havia ensinado. Talvez um dia ela se lembrasse do casamento sem sentir aquela dor esmagadora. Ele prometeu amá-la e respeitá-la, e então anunciou, calmamente, em uma tarde de domingo, sem aviso prévio, que a estava deixando para ficar com outra pessoa.

A tal da outra pessoa era uma loura alta com olhos azul-piscina e um corpo voluptuoso. Lacey analisou a concorrência, decidiu que não tinha nenhuma chance de ganhar a disputa e assinou o divórcio. Ah, houve outros tipos de disputa, mas ela deixou seu advogado tratar disso e fez o máximo para ficar de fora. Assim que o divórcio saiu, cortou seus laços com a cidade, mudou-se para São Francisco, encontrou um trabalho que amava e recomeçou a vida.

Mais ou menos isso.

Dessa vez ela seria mais esperta. Homens estavam completamente fora de questão. Pela primeira vez, estava se sustentando. Pela primeira vez, não precisava de mais ninguém; porque poderia acontecer tudo de novo: outra loura com corpo de coelhinha da *Playboy* poderia destruir sua vida uma segunda vez. Era melhor não arriscar. Quem precisava desse tipo de sofrimento? Ela, não!

Lacey não estava se menosprezando. Com cabelos loiros esculpidos ao redor do rosto e os olhos verdes, parecia uma fada adorável. Ela não chegava a ter um metro e meio de altura, enquanto seu irmão, cinco anos mais velho, tinha quase um metro e oitenta. Ela nunca entendeu por que a natureza havia economizado tanto em sua altura.

Após o divórcio, Lacey ficou aos frangalhos e se sentiu perdida. Trazer Cléo para sua vida a ajudou muito, tanto que achava ser possível viver sem a companhia de um homem. Sua gata era a companhia de que precisava.

— Tudo bem, tudo bem, você está certa — Lacey disse, olhando para sua inquieta amiga felina. — Concordo plenamente com você. Sou uma covarde. O verdadeiro problema é que não quero largar esse emprego. Só quero ganhar o

que mereço, que é bem mais do que ganho agora. — Ela saiu do divórcio com um acordo generoso. Caso contrário, estaria passando por um tremendo aperto.

Cléo concordou com um choramingar grave, diferente de qualquer som que já fizera antes.

Lacey estudou a gata.

— Você está bem, garota? Sua voz está estranha.

A gata empinou novamente o traseiro e saiu como um tiro pela sala para atacar seu rato de tecido. O que quer que a estivesse incomodando, havia passado. Pelo menos, Lacey esperava que sim.

Resmungando para si mesma, voltou à cozinha e reexaminou o conteúdo da geladeira. Não havia nada lá dentro que a deixasse com água na boca. As embalagens de comida chinesa estavam cheias de arroz duro e seco, e de um molho vermelho grosso que um dia havia sido carne de porco agridoce. A carne já não estava mais lá e o molho parecia gelatina de cereja. Os únicos itens comestíveis eram os bulbos de tulipa, não que pensasse na possibilidade de comê-los.

Ela esperava se dar o luxo de celebrar seu aumento. A pizza do Domino era a coisa mais extravagante que conseguia pensar. Mas não estava celebrando nada naquela noite. Se quisesse jantar, teria de preparar alguma coisa.

O conteúdo dos armários da cozinha não estava promissor: algumas latas de sopa no meio de quinze latas de comida *gourmet* para gatos.

Sopa.

Sua vida se reduziu a uma escolha entre creme de cogumelo ou sopa de vegetais. Às cegas, pegou uma lata de sopa de vegetais. No freezer, havia uma embalagem de pão de fôrma. Suas opções de sanduíche se limitavam ao de pasta de amendoim com geleia ou queijo quente.

— Às vezes acho que odeio você! — As palavras atravessaram a parede da cozinha com tamanha clareza que parecia que a pessoa que as dizia estava a seu lado.

Lacey suspirou. Seu vizinho, Jack Walker, e a namorada estavam brigando outra vez. Não havia sido apresentada a ele, mas tudo bem. O cara sofria de

problemas graves com mulheres. Pelo que ouvia através da parede, parecia que o casal precisava de terapia desesperadamente. Ela evitava o vizinho como o diabo evita a cruz, apesar de ele já ter tentado estabelecer contato inúmeras vezes. Era educada, mas firme e até mesmo desencorajadora. No entanto, tinha de lhe dar algum crédito: ele não aceitava “não” como resposta tão facilmente. Com o passar dos meses, seus métodos se tornaram cada vez mais criativos. Ele tentou flores, recados presos à porta e, uma vez, tentou atraí-la até seu apartamento com a oferta de um jantar. De todas as táticas, a promessa de uma refeição havia sido a mais atraente, mas Lacey reconhecia uma encrenca de longe, então, resistiu bravamente.

Sair com Jack estava fora de questão, principalmente porque ele já estava envolvido com outra pessoa. Lacey perdeu a conta das vezes em que pôde ouvi-lo discutir com a namorada. Em algumas noites, teve de ligar o rádio para abafar o barulho.

Como era educada e preferia evitar problemas, nunca reclamou. Lacey era o tipo de pessoa que deixava que os outros passassem por cima dela.

— Antes eu não era mole assim — ela se queixou para Cléo. — Foi nesse último ano que perdi a autoconfiança. Gostaria de culpar o Sr. Sullivan, mas não posso. Não quando sou eu a culpada. Você pensa que é fácil, que é uma coisa pequena, pedir aumento, né? Mas não é, e, para piorar, fico me sentindo como o Oliver Twist.

[1]

Ao menos ele teve coragem de pedir mais. O Sr. Sullivan deveria agradecer aos céus. Sou boa no que faço, mas ele lá percebe? Ah, não! Ele simplesmente não reconhece meu valor.

Terminado o discurso, percebeu que Cléo havia desaparecido. Até mesmo a gata havia desertado. Ela a encontrou no peitoril da janela, miando pateticamente.

Lacey pegou a gata no colo e a afagou.

— Será que estou tão envolvida com meus problemas que deixei você de lado?

Cléo saltou de seus braços e correu até o quarto.

A discussão continuava no outro apartamento.

— Sarah, pelo amor de Deus, seja sensata! — Jack gritava.

— Solte os cachorros em cima dele — Lacey disse em voz baixa. — Aposto que você não sabia que ele estava saindo com outras, né? Bem, não se martirize. Eu também não sabia que Peter era tão mulherengo.

Sarah aparentemente seguiu seu conselho, pois a gritaria se intensificou. Jack, que geralmente era o mais calmo dos dois, já estava começando a perder as estribeiras.

Se ouvisse com bastante atenção, talvez descobrisse a causa da briga, mas, na verdade, Lacey não estava tão interessada assim.

— Eu o vi com outra semana passada — ela complementou, só por diversão. Lacey havia encontrado Jack nas caixas de correio. Havia uma mulher com ele e não era Sarah. Mas era sempre Sarah que voltava. Era sempre com Sarah que ele gritava. Pelo jeito, a pobrezinha gostava muito dele. Que azar!

— Vou tomar a sopa de vegetais — Lacey informou Cléo enquanto entrava no quarto, achando que a gata gostaria de saber. — Não é nada que lhe interesse, infelizmente. — O que estava incomodando sua gata antes parecia estar sob controle.

Com o jantar pronto, Lacey colocou a tigela de sopa fumegante e o queijo quente sobre a mesa. Havia acabado de se sentar quando algo atingiu a parede do apartamento ao lado. Por reflexo, deu um pulo.

O volume das vozes furiosas aumentou. Jack já não estava mais tão calmo nem no controle. Na verdade, parecia que ele havia perdido completamente a razão. Os dois estavam gritando, um tentando gritar mais alto que o outro.

Lacey suspirou. Era demais para ela. Deixando o guardanapo de lado, foi até a parede da cozinha e bateu gentilmente. Ou eles não escutaram ou optaram por ignorá-la, algo que faziam com frequência cada vez maior.

Ela havia acabado de se sentar quando uma explosão quase a fez cair da cadeira. Um dos amantes enfurecidos decidiu ligar o rádio. No volume máximo.

O rádio foi desligado abruptamente, seguido por um discurso de Jack.

E foi ligado de novo.

E então desligado.

Mais uma vez, com a mesma gentileza, Lacey bateu com a palma da mão na parede.

Eles a ignoraram.

Então, por alguma razão, houve um silêncio. Um silêncio abençoado. O problema havia sido resolvido ou eles se mataram. Qualquer que fosse a razão, o silêncio era uma bênção.

Quando Lacey terminou o jantar, lavou a louça. Cléo continuava a se entrelaçar em seus tornozelos, miando e choramingando o tempo todo.

— O que há de errado com você, garota? — Lacey perguntou outra vez.

Agachando-se, correu a mão sobre a espinha da gata.

Cléo arqueou as costas e choramingou um pouco mais.

— Você está diferente — Lacey comentou, preocupada.

Então, finalmente se deu conta.

— Você está no cio! Ai, meu Deus, você está no cio! — Como ela poderia ser tão burra?

Saindo da cozinha, procurou em sua agenda o nome que o dono do pet shop havia passado. Se ia cruzar a gata, precisava falar antes com essa mulher.

— Coitada da Cléo — Lacey disse com compaixão. — Pode confiar em mim, querida, os homens não valem esse trabalho todo. — E rapidamente encontrou o número.

— Meu nome é Lacey Lancaster — ela disse apressada. — O dono da Pet's World

me deu seu número. Comprei uma gata da raça abissínia alguns meses atrás.

Logo depois que se apresentou, a discussão no apartamento ao lado recomeçou.

— Sinto muito, querida, mas não consigo entendê-la! — a mulher do outro lado da linha disse com um sotaque irlandês suave.

— Disse que comprei uma gata da raça abissínia.

— Parece que você está em uma festa.

— Não tem festa nenhuma — Lacey disse mais alto, quase gritando também.

— Talvez seja melhor me ligar quando seus convidados forem embora — disse a irlandesa, gentil, e desligou o telefone.

Lacey teve um estalo. Sua educação que lhe dizia para nunca causar problemas foi por água abaixo em um segundo. Ela bateu o telefone no gancho e cerrou os punhos.

— Estou farta disso! — ela gritou. E de fato estava. Farta dos homens que não sabiam o significado das palavras: “fiel” e “compromisso”. Dos patrões que tiravam vantagem dos empregados. E dos vizinhos neandertais que levavam uma mulher atrás da outra para dentro de seus apartamentos sem ao menos pensar duas vezes.

Lacey saiu de seu apartamento para o corredor. Seus passos eram rápidos e largos. Entretanto, quando chegou ao apartamento de Jack, o fogo de seu ódio havia abrandado. A raiva não resolveria nada. Bateu à porta calmamente e esperou.

A discussão parou abruptamente e a porta se abriu. Lacey levou um susto, que até a fez dar um pulo para trás. Sarah também saltou para trás e olhou para ela. Era evidente que a outra mulher não a havia ouvido bater.

— Olá — Lacey disse com os batimentos cardíacos zunindo em seus ouvidos. — Queria saber se vocês dois podiam falar um pouco mais baixo.

A mulher, jovem e bonita, piscava tentando conter as lágrimas.

— Não precisa se preocupar. Já estou de saída.

Então Jack apareceu, parecendo cortês e calmo. Seu rosto se iluminou quando viu que era Lacey.

— Lacey — ele disse dando-lhe um sorriso afável —, que surpresa agradável!

— Com essa gritaria toda não consegui nem dar um telefonema — ela explicou, sem querer dar uma impressão errada. Não era uma visita social.

— Me perdoe! — Jack olhou para Sarah. — Isso não vai se repetir.

O queixo de Sarah caiu enquanto ela pendurava a bolsa no ombro.

— Eu... eu acho que não temos mais nada a dizer um para o outro. — Passou por Lacey e foi em direção ao elevador.

— Sarah! — Jack colocou as mãos sobre os ombros de Lacey e a colocou de lado, virando-se novamente para Sarah. — Estou avisando... só não faça nenhuma besteira.

— Como ouvir você?

Jack suspirou e olhou para Lacey, como se tudo fosse culpa dela.

Lacey abriu a boca para dizer exatamente o que pensava dele, mas, de repente, mudou de ideia. Jack não a escutaria. Homens nunca a escutavam. Por que perder tempo?

Sem nada mais a dizer, voltou ao apartamento. Para sua surpresa, percebeu que havia deixado a porta aberta. Imediatamente pensou em Cléo e correu para dentro, em pânico.

Parou assim que a avistou.

— Cléo! — A gata estava em meio ao fogo da paixão com um gato que nunca havia visto antes.

Colocando as mãos sobre a boca, Lacey soltou o corpo apoiando-se na parede. Não precisava mais da irlandesa. Cléo já havia encontrado seu par.

Dois



— Pare! — Lacey ordenou, sabendo que era tarde demais. Os gatos a ignoraram. E lá se foi a alegria de ser tutora de um gato.

Sabendo que só havia uma coisa a ser feita, Lacey correu até a cozinha e encheu um copo grande de água. Em breve, ela conseguiria chamar a atenção dos dois amantes. Correndo de volta à sala, tropeçou em um tapete e cambaleou, em uma tentativa desesperada para não cair. Quando alcançou os gatos, a maior parte da água estava em sua blusa e apenas algumas gotas caíram sobre o casal apaixonado.

Nesse momento, já haviam terminado e o gato desconhecido estava procurando uma maneira de sair do apartamento. Típico macho! Conseguiu o que queria e já estava pronto para seguir feliz com sua vida.

Lacey estava prestes a abrir a porta de correr envidraçada que dava para a sacada, quando alguém tocou a campainha. Virando-se com um olhar feroz de reprovação para o gato de rua, atravessou a sala e olhou pelo olho mágico.

Era seu vizinho metido a Don Juan, recém-saído da briga com Sarah.

— Olá, mais uma vez. — Ele lhe lançou um sorriso tranquilo que, Lacey odiava admitir, tinha lá seu efeito. Não sabia o que exatamente a tornava tão vulnerável a esse tipo de homem, mas, fosse o que fosse, ela sinceramente desejava que isso não acontecesse mais.

— Você não viu meu gato por aí, viu?

— Você tem um gato?

— Na verdade, ele permite que eu more com ele.

Como se fosse planejado, Cléo passou desfilando, com o rabo empinado, dando a impressão de fazer parte da realeza. O gato de pelos longos e de raça indefinida veio logo atrás, parecendo ter descansado o suficiente para o segundo *round*.

— Olha o Cão aí — disse Jack.

— Cão? Você deu o nome de Cão a seu gato?

— Sim — ele disse, passando por ela. Então pegou o gato com carinho e o embalou nos braços. — Eu queria um cachorro, mas tive de abrir mão.

— Então você pegou um gato e colocou o nome de Cão? — Em vista de como conheceu seu companheiro fiel, Lacey não achou isso engraçado.

— Exatamente.

— Bem, escuta só, seu Cão tirou a virgindade da Cléo. O que você pretende fazer a respeito?

Os olhos de Jack se arregalaram. Lacey podia jurar que ele parecia extremamente satisfeito.

— Cão! O que você tem a dizer em sua defesa?

— Estou perguntando a você e não a ele — Lacey disse, endireitando os ombros. — Como um dono responsável, espero que tenha uma resposta.

Os olhos escuros de Jack se apertaram.

— Tudo o que posso fazer é me desculpar.

— Então aceito suas desculpas — Lacey murmurou. Parecia muito pouco em vista das possíveis consequências, mas, quanto menos conversassem, melhor. Quanto mais o analisava, mais se sentia atraída por ele, o que não fazia sentido algum. Ela parecia alguém em uma dieta restrita, totalmente seduzida por uma bandeja de sobremesa.

— Olha, eu estava mesmo esperando uma oportunidade de a conhecer melhor — Jack disse, como se estivesse planejando ficar por lá mais um pouco.

Lacey não podia permitir que isso acontecesse. E quase abriu a porta para ele.

— Já somos vizinhos há vários meses. Acho que começamos mal — ele continuou, sem dar nenhum indício de que estava de saída. — Entendo que não esteja interessada em namorar, mas poderíamos ser um pouco mais amigáveis, não acha?

Lacey concordou educadamente, porém de forma relutante. Seria útil ter alguém para alimentar a gata e pegar a correspondência às vezes. Ela faria o mesmo por ele, mas queria deixar bem claro que era só isso que estava disposta a oferecer.

E foi o que disse a ele.

— Amigos?— ele perguntou, estendendo a mão.

— Amigos. — Ela aceitou, e os dois selaram o acordo com um aperto de mão.

Sentiu que o aperto dele era determinado e seus dedos seguraram os dela por mais tempo que o necessário. Ela não gostou de como seu coração reagiu. Esse homem era perigoso em vários sentidos. Quanto menos se envolvesse com ele, melhor.

Parecia que ele estava esperando que ela o convidasse para um café ou uma conversa. A ideia era tentadora. Seria legal ter um vizinho amigável, mas a lição que aprendera com Peter bateu mais forte.

— Parece que temos o mesmo amor pelos gatos — Jack adicionou, como se isso fosse a base para uma amizade duradoura.

— Eu gosto da *Cléo* — ela disse enfaticamente. — Agora, se me dá licença... — Dessa vez, ela segurou a porta para ele sair.

— Foi legal conversar com você, Lacey — disse Jack, com um sorriso tolo e poderoso o suficiente para derrubar sua decisão de limitar a amizade entre eles. — Espero que nos tornemos *bons* amigos.

Lacey não deixou de perceber a ênfase em *bons*. A última coisa de que precisava ou que desejava era uma amizade com um conquistador de carteirinha.

Principalmente porque já havia sido tola o suficiente para se casar com um desses, que a deixou por outra sem nenhuma piedade.

Como não tivera coragem para pedir aumento, achou ainda mais difícil explicar a seu vizinho que não estava interessada em um homem infiel.

Então Jack foi embora, para alívio de Lacey. Ela pegou Cléo nos braços e a apertou, como se sua amada gata tivesse escapado por um triz. Cléo, no entanto, não gostou de ser apertada contra a blusa molhada e se contorceu, conseguindo saltar para o carpete. Ela foi até a cadeira de assento fofo, seu lugar favorito para uma soneca, e então se encolheu, realizada. Devia ser a imaginação de Lacey, mas Cléo parecia completamente calma e plenamente satisfeita.

Quando Lacey estava prestes a ligar a televisão, o telefone tocou. Provavelmente era sua melhor amiga, Jeanne Becker. Jeanne foi uma das primeiras pessoas com quem Lacey fizera amizade depois de se mudar para São Francisco. Ela era assistente odontológica e solteira, mas estava namorando firme com Dave havia quase um ano. Contudo, nenhum dos dois parecia ter pressa para firmar um compromisso. Com tantos amigos se divorciando, eles queriam ter bastante certeza de que estariam dando o passo certo.

— E então? — Jeanne perguntou. — Você pediu o aumento?

— Não — Lacey confessou.

— Por que não? — Jeanne indagou. — Você prometeu que pediria. Por que é tão difícil assim falar com o Sr. Sullivan?

— Não tenho desculpa nenhuma. Sou uma molenga mesmo.

— Do que tem tanto medo? — Jeanne perguntou depois de um momento, pensativa, como se houvesse algo profundo e sombrio escondido na infância de Lacey que a impedia de confrontar seu patrão.

— Não sei — Lacey admitiu. — É só que o Sr. Sullivan é tão... intimidador. Ele tem aqueles olhos intensos e, quando peço para falar com ele, olha para o relógio no pulso como se não tivesse tempo para mim e me pergunta se isso vai lhe tomar muito tempo. E quando termina essa pequena rotina, eu já perdi a coragem.

— Você não percebe que esta é a intenção dele?

— É, suponho que sim — Lacey murmurou desanimada. — Mas saber disso não ajuda em nada. Minha conversa com o Sr. Sullivan não foi a única coisa que deu errado — ela acrescentou. — Cléo está no cio e o gato do vizinho entrou furtivamente em meu apartamento, achei os dois... juntos.

— Nossa, parece que você teve um dia péssimo!

— E tem mais — Lacey disse. — Meu vizinho sugeriu que nos tornássemos amigos.

— Aquele pedaço de mau caminho que está tentando chamar você para sair há seis meses? Eu o conheci, lembra?

Lacey não estava gostando de pensar em Jack daquele jeito, mas deixou passar o comentário da amiga.

— Sim. Ele é o dono do Cão, o gato que se aproveitou da Cléo. E, antes que você pergunte, é esse mesmo o nome do gato.

— Acho que eu ia gostar desse vizinho — Jeanne disse, rindo suavemente.

— Pode ficar com ele.

— Lacey! Sinceramente, quando você vai superar o passado? Peter foi um idiota, mas ele não está mais na sua vida. A pior coisa que pode fazer é culpar outros homens pelo que aconteceu entre seu ex e você.

— Não estou culpando outros homens.

— Você está divorciada há mais de um ano e nunca sai com nenhum homem.

— Não quero outro relacionamento.

— Foi uma decisão sábia não se envolver com ninguém logo depois do divórcio — Jeanne disse, compreensiva. — Mas agora é hora de seguir com sua vida. Se quer um conselho, acho que deve sair com Jack. Ele é adorável.

— Você está louca? — Lacey insistiu. — Ele estava brigando com Sarah outra vez. Tudo o que posso fazer é não contar àquela doce jovem o que sei. Ele a está fazendo de boba, assim como Peter fez comigo.

— Você está tirando conclusões precipitadas.

— Não acho, não — Lacey insistiu. — Eles brigam o tempo todo. Das partes das conversas que escutei, parece que Jack quer que ela more com ele. E parece que ela o conhece muito bem, porque se recusa a aceitar o convite. Eu também não confiaria nele.

— Você sabe o que aconteceu, não sabe? — Jeanne perguntou. — Você se tornou uma cética. Acho que não faz ideia do quanto Peter machucou você.

— Besteira! — Foi a resposta imediata de Lacey. — Ele não fez nada além de me ensinar uma lição valiosa.



Lacey não dormiu bem aquela noite. Não era de se admirar, em vista do dia que teve. A desagradável confrontação com seu vizinho continuava a incomodá-la. Jack era tranquilo e amigável, o tipo de homem que deixa as pessoas à vontade. Mas não ela. Lacey sempre ficava na defensiva quando ele estava por perto.

E, na manhã seguinte, cruzaram-se ao acaso no corredor, quando saíam para trabalhar.

— Vejo que está indo para a labuta — ele disse amigavelmente enquanto iam até o elevador.

Ele estava vestindo um terno de três peças escuro e, na cabeça de Lacey, a única palavra que encontrou para descrevê-lo era *elegante*. Seu sorriso era aberto e encantador. “Encantador até demais”, Lacey concluiu. Seus olhos eram amigáveis e ternos, o tipo de olhar do qual uma mulher pode ficar se lembrando por um bom tempo.

— Onde você trabalha? — ele perguntou, puxando conversa enquanto chamava o elevador.

— Na Sullivan’s Decoração — ela respondeu, sem discorrer mais sobre o assunto. Encorajar a conversa entre os dois não seria sábio. Era fácil demais se deixar seduzir pelo magnetismo de Jack.

— Mesmo? Acho que foi essa a empresa que o banco contratou no ano passado quando resolveram redecorá-lo.

— Já redecoramos vários bancos — ela concordou calmamente. Então, Jack era um executivo do ramo bancário? Lacey não pediu mais informações, embora não pudesse negar que estava curiosa.

Como se lesse seus pensamentos, ele pegou um cartão de visita do bolso e lhe entregou.

— Venha falar comigo se precisar de empréstimo um dia.

— Pode deixar, obrigada.

— Esperarei ansioso para ajudá-la com isso — ele sorriu para ela e, mesmo sabendo o que sabia sobre ele, seu coração palpitou. “É algum tipo de maldição”, Lacey pensou. Ela estava fadada a se sentir atraída pelo tipo errado de homem. Provavelmente havia algum nome científico para isso, algum termo que os psicólogos utilizavam para descrever mulheres como ela. “Louca de pedra”, ela decidiu. Envolver-se com ele seria totalmente desastroso.

— Tenha um bom dia! — Jack disse quando a porta do elevador se abriu.

— Você também — respondeu e sua voz saiu pouco mais alta que um sussurro.

— Me diga uma coisa! — Jack disse, virando-se para ela bruscamente, como se tomado de inspiração. — Por acaso estaria livre para jantar comigo amanhã à noite?

Instintivamente, Lacey ficou tensa. Ele ainda não havia desistido.

— Não... sinto muito. Não estarei livre — ela disse. E aparentemente, sua mensagem foi entendida, pois ele não insistiu.

Ele olhou para o relógio e franziu as sobrancelhas.

— Talvez outro dia.

— Talvez.

Lacey não prometera nada a Jack Walker. Mas não conseguiu parar de pensar nele o dia todo.



Na noite seguinte, quando Lacey estava colocando o lixo para fora, no final do corredor, deparou-se com Jack outra vez, logo que ele saiu de seu apartamento.

Pegos de surpresa, os dois pararam e se olharam. Ele estava vestido formalmente, como se estivesse indo a um jantar chique. Ninguém precisava lembrá-la de que poderia estar jantando com ele. Ela recusara seu convite inusitado e, por um momento, desejou tê-lo aceitado. Mas decidiu que fez bem em recusá-lo. Provavelmente havia várias outras mulheres por quem ele estava interessado. E também sempre havia Sarah. Sempre leal e fiel.

— Olá de novo — Jack disse, com seu sorriso eletrizante.

— Olá. — Sua voz soava estranha. Tensa.

— Tudo bem com você?

— Tudo — ela não perguntou de volta. A resposta era óbvia. Ele parecia estar ótimo. Deveria ser proibido executivos serem tão atraentes e amigáveis assim.

— Espere aí, me deixe ajudá-la — ele tirou a lixeira de plástico de sua mão.

— Pode deixar, eu aguento. — Todavia, ficou feliz por ele ter oferecido ajuda.

— Tenho certeza que sim, mas me deixe fazer o papel de cavalheiro. Minha mãe ficaria orgulhosa. — E o sorriso estava lá de volta, poderoso o suficiente para derreter as decisões mais firmes. As dela, infelizmente, costumavam se dissolver mais rapidamente que as dos outros.

Eles andaram juntos pelo corredor. Lacey fez de tudo para não esbarrar seus ombros nos dele.

— Obrigada pela ajuda — Lacey disse, quando chegavam à porta de seu apartamento.

— Sem problema. Fiquei feliz de ajudar.

Ela pegou na maçaneta com a intenção de escapar da situação.

— Divirta-se — ela disse, virando-se de costas para ele.

— Isso provavelmente não acontecerá — ele falou suavemente. — Principalmente porque não estarei com você. Estou fadado a aguentar um maçante jantar de negócios. Se ao menos você tivesse aceitado meu convite.

— Eu... — Ela estava tão atordoada com suas palavras sedutoras que mal conseguia falar. — Tenho certeza de que terá uma noite agradável. Vai se encontrar com Sarah? — ela adicionou, sem saber de onde viera a coragem para fazer a pergunta. Era Sarah que ele deveria ter convidado, não ela.

— Não nesta noite — ele respondeu. — Infelizmente vou ter de levar minha assistente.

Primeiro a convidou e, então, quando ela recusou o convite, ele convidou a assistente. De repente, Lacey ficou furiosa. Era exatamente isso que ela esperava de alguém como Jack. De alguém como Peter.

Pobre Sarah! Destinada a ter seu coração partido.

Três



— Cléo está prenha — Lacey lamentou e se jogou no banco do metrô ao lado de Jeanne, duas semanas depois. — Levei-a ao veterinário ontem à tarde e ele confirmou. — Ela estava profundamente decepcionada porque sua gata abissínia de raça pura havia cruzado com o gato de Jack. E a insatisfação com o vizinho não parava por aí.

Sarah havia passado por lá no último fim de semana e os sons da discussão entre eles atravessaram as paredes de novo. Estavam furiosos. Dessa vez, no entanto, mantiveram a intensidade em um tom mais grave e a briga não durou muito tempo. Não mais que dez minutos se passaram antes de Lacey ouvir a porta do apartamento de Jack bater com força e os passos de Sarah pelo corredor. Jack colocou a cabeça para fora e a chamou, sem sucesso.

— O que você fará quanto à Cléo? — Jeanne queria saber.

— Eu... ainda não decidi. — Ela tinha várias opções, mas uma coisa era certa: estava determinada a fazer com que Jack assumisse sua parte da responsabilidade.



Naquela noite, depois do trabalho, com o coração na boca, Lacey foi até a porta de Jack e bateu três vezes, com batidas firmes e marcadas.

— Lacey, olá. Que surpresa agradável!

— Olá — respondeu com um tom sério. — Será que eu poderia entrar um segundo?

— Claro, vai ser uma honra. — Ele abriu caminho para que ela entrasse na sala de estar, que era mais que o dobro da dela em tamanho. — Aceita algo para beber? — ele ofereceu.

— Não, obrigada. — Ela se sentou em um sofá de couro branco e tirou um caderninho da bolsa. — Esta não é bem uma visita social.

Jack se acomodou em uma cadeira reclinável, de frente para ela. Ele se sentou na beirada do assento e apoiou os cotovelos nos joelhos.

— Algum problema?

— Na verdade, sim — Lacey respondeu. — Cão engravidou Cléo.

— Entendo.

— Achei que você deveria ser informado.

— Sim, claro. — Ele olhou para ela como se não fizesse a menor ideia do que exatamente ela queria. — E você, está precisando de alguma coisa? — perguntou, depois de alguns segundos constrangedores.

Típico dos homens!

— Sim — ela disse, com dificuldade de conter a irritação. — Quero que você honre minha gata.

— O quê? Você está sugerindo que eles se casem?

— Não seja ridículo!

— Então, o que quer dizer com isso?

— É no mínimo justo que você divida as despesas comigo.

Ela odiou a maneira como sua voz tremeu.

— O Dr. Christman, veterinário da Cléo, prescreveu vitaminas caras e exames. Além disso, espero que você encontre donos para a sua metade dos filhotes.

— Minha metade.

— Sim. Por favor, me envie os nomes para que passem pela minha aprovação.

Jack coçou a cabeça.

— Você está falando sério?

O simples fato de ele questionar as razões de Lacey já lhe disse tudo o que precisava saber sobre ele.

— Sim. Estou falando sério. Muito sério. — Ela se levantou e lhe entregou uma lista com tudo o que havia gastado até aquele momento. — Você pode me pagar quando quiser. — Encostou a bolsa no peito como se fosse algum tipo de escudo e manteve as costas extremamente eretas. — Existem consequências quando se tem um gato de rua, Sr. Walker. Mesmo se o nome dele for Cão. — Lacey sabia o quanto soava falsa. Linhas de retidão enrugavam seu rosto enquanto ela saía do apartamento.

Ela só percebeu o quanto estava tremendo quando chegou a seu apartamento. Sentiu como se os joelhos estivessem prestes a desmontar. Sentou-se no sofá e Cléo pulou em seu colo, ávida por atenção.

Lacey correu a mão pelas costas da gata.

— Bem, garota, você vai ser mãe. O que acha disso?

Cléo miou.

— Os próximos meses deverão ser bem interessantes — ela disse. Dr. Christman havia lhe dado diversos panfletos sobre a reprodução dos gatos. Lacey os havia lido várias vezes. Ela crescera na companhia de um meigo *cocker spaniel* chamado Sherlock, mas, como era macho, nunca havia pensado nesse tipo de coisa.



Na tarde seguinte, a campainha de Lacey tocou. Jack estava do lado de fora, apoiando-se no batente da porta. Ele abriu um sorriso lento e leve, de fazer parar o coração.

— Como anda Cléo?

— Bem. Ela está mais carente, mas, fora isso, tem se comportado como de costume.

— Levei Cão para ser castrado. Ele tem ficado mais recluso ultimamente.

Lacey precisou apertar os lábios para não sorrir. No que lhe dizia respeito, seria bom que Cão contivesse seus modos promíscuos.

— Posso entrar?

Lacey não sabia se era uma boa ideia deixar Jack entrar no apartamento.

— Tudo bem — ela disse, relutante, abrindo caminho.

Então ela cometeu o erro de lhe perguntar se aceitava algo para beber e Jack respondeu que aceitava um café. Como ela não tinha café pronto, teve de preparar.

Para seu espanto, Jack estava determinado a ajudá-la. Ela ligou a água e mediu a quantidade de grãos, o tempo todo reclamando internamente do quanto sua cozinha era pequena. Não conseguia se mover sem encostar em Jack. Quando ficou nas pontas dos pés para pegar as canecas, ele passou por trás dela e encostou todo o seu corpo nela.

Sentiu-se sem saída e sem graça, além de insuportavelmente desconfortável. E, pior, estava corada, embora houvesse feito tudo o que podia para disfarçar o efeito que ele tinha sobre ela.

— Já que vou pagar pelas despesas da gravidez de Cléo, é no mínimo justo que eu tenha direito a visitas — ele disse, despreocupado.

Um arrepio correu pelo corpo de Lacey.

— Direito a visitas?

— Sim. Gostaria de vê-la de tempos em tempos para ver se está bem.

Lacey também não sabia ao certo se essa era uma boa ideia, mas não conseguiu pensar em nenhuma razão plausível para protestar.

— Posso garantir que cuidarei bem da Cléo.

— Tenho certeza de que sim, mas gostaria de ver com meus próprios olhos.

— Tudo bem — ela concordou, mas deixou claro, no tom de voz, que era contra a sua vontade.

O café ficou pronto. Jack quis o seu puro e forte, e esperou enquanto Lacey diluía o dela com leite, antes de voltar à sala.

Cléo entrou majestosa na sala e, sem titubear, pulou no colo de Jack. Lacey ficou atônita. A gata não gostava de estranhos.

— Cléo! — Lacey a reprimiu. — Desça já daí!

A gata não seria tola de obedecê-la. Jack estava acariciando suas costas com movimentos longos e suaves, que a faziam ronronar de prazer. Isso provavelmente acontecia com todas as mulheres em que ele tocava. Lacey tentou se ressentir por isso, mas, para sua surpresa, percebeu que não conseguia.

Na verdade, ocorreu exatamente o oposto. Era como se as mãos de Jack estivessem sobre Lacey. Uma sequência de sensações quentes e desconcertantes começou a brotar dentro dela. Sensações sexuais. Sua respiração vinha em sopros curtos. Ela deu um gole no café e se forçou a olhar para o outro lado, qualquer coisa que fizesse com que as sensações se dissipassem. Era desconfortável demais se lembrar dessa parte de sua natureza, que ela enterrara fundo depois do divórcio e convenientemente ignorara até a chegada de Jack a sua vida.

Olhar para o outro lado não ajudou. Nada ajudou.

— Cléo é uma gata linda — ele disse, com uma voz arrastada, sexy e grave, que fez com que Cléo ronronasse e o coração de Lacey acelerasse.

— Obrigada — conseguiu dizer.

A sensação de dormência se espalhava lentamente, inexoravelmente, por todo o corpo, deixando-a com uma necessidade que ela não ousaria expressar para qualquer outro ser humano no Universo. Fazia bem mais de um ano que um homem não a tocava. Até então.

Agora era uma tortura ficar ali sem fazer nada. Para seu espanto, Jack parecia relaxado e sem nenhuma pressa de ir embora.

— Você pensou nas pessoas para quem vai dar sua metade dos filhotes?
— ela perguntou, a fim de quebrar o silêncio.

— Não.

— Acho... que minha amiga, Jeanne, vai ficar com um. — Seu olhar acompanhava o movimento da mão de Jack correndo o pelo macio de Cléo. O toque de seus dedos era leve e delicado. O toque de um amante. Ele devia ser um amante terno, ela pensou.

Lacey balançou a cabeça, tentando limpar a mente antes que a imagem de si mesma fazendo amor com ele se concretizasse. Deus do céu, isso era mais do que ela podia suportar!

— Lacey! — A voz arrastada e sexy voltou. — Venha aqui.

— P... por quê?

— Quero que sinta a barriga de Cléo.

— Ainda é cedo demais para sentir os filhotes — ela protestou e praticamente pulou da cadeira. Ele sabia exatamente o que estava fazendo com ela e estava gostando da situação. O rosto de Lacey corou.

Ela correu até a cozinha. Abriu a torneira, encharcou uma esponja e limpou o balcão, que já estava limpo. Se ao menos ele fosse embora! Mas seria um milagre. Ele a tinha em suas mãos e não estava disposto a desistir.

Jack foi até a cozinha e ela fechou os olhos, pedindo a Deus que lhe desse forças.

— Foi gentil de sua parte passar aqui. — Ela esperava que ele fosse embora antes que fizesse papel de boba.

— Por que você recusou meu convite para jantar? — ele perguntou.

Ela podia jurar que ele estava atrás dela, a apenas alguns centímetros de distância, mas não ousou se virar.

— Lacey?

Ela abriu o armário e pegou uma lata de comida para gatos.

— Acho que não é uma boa ideia nos envolvermos.

— Por que não?

— Tudo bem sermos amigos, mas...

— Não amigos demais.

— Exatamente. — Seu coração continuava batendo em velocidade máxima, bradando alto em seus ouvidos. Ela não tinha coragem de olhar para ele. Não conseguia, não sem que ele percebesse que ela não estava muito diferente de como Cléo estava com Cão.

— Olhe para mim — ele pediu delicadamente. Ela não obedeceu; ele colocou as mãos em seus ombros e lentamente a virou de frente para ele. Então, correu o dedo pela face de Lacey.

— Olhe para mim — ele repetiu.

Lacey fechou os olhos e abaixou a cabeça.

— Acho que é melhor você ir embora.

Usando o polegar, Jack levantou o queixo dela.

— Abra os olhos.

Ela não tinha outra escolha a não ser fazer o que ele pedira. Relutantemente, os olhos de Lacey se abriram e seu olhar encontrou o dele.

— Eu me lembro do dia em que você se mudou para cá — ele disse suave e claramente. Seu olhar estava sombrio e intenso. — Percebi naquele momento o quanto queria conhecê-la. Havia algo de vulnerável em você. Algo que me dizia que eu teria de ser paciente. Então, esperei. Já faz um ano e ainda estou esperando, mas estou começando a perder a paciência.

A garganta de Lacey estava seca e ela duvidava que conseguisse falar ainda que quisesse. E não falou mesmo. O que poderia ter dito? Que uma vez confiou em alguém que destruiu sua fé em todos os homens?

— Quem machucou você? — ele perguntou.

Ela abanou a cabeça, indicando que não queria responder.

Ele então a envolveu, atraindo-a para um círculo de proteção, consolando-a em seus braços. Seu abraço era leve, reconfortante e sedutor.

Lacey queria resistir, tentou juntar forças para se afastar e então percebeu que não conseguia.

— Quero beijar você — ele sussurrou, como se sentisse que precisava avisá-la de cada passo que tomaria, por medo de que ela se soltasse e fugisse como um coelho assustado.

— Não — disse e chacoalhou a cabeça de um lado para o outro bem rápido. De alguma maneira, ela conseguiu resistir, apoiou suas mãos nos braços dele e se afastou.

Ele a soltou no mesmo momento, com certa hesitação.

— Por que não? — perguntou. — Jamais machucaria você, Lacey. Jamais faria algo que não quisesse ou para o qual não estivesse preparada.

— Você deve achar que sou ingênua — ela disse ofegante, por causa do esforço que fizera para se afastar.

— Ingênua?

— Você ama Sarah.

— Claro que a amo.

Pelo menos ele não negou.

— Quantas outras mulheres você tem em suas mãos? Não responda. Não quero saber. Só entenda uma coisa. Me recuso a ser uma delas.

— Lacey...

— Por favor, vá embora. — Ela cruzou os braços e levantou o queixo, desafiadora.

— Não sem que você me ouça.

— Não há nada que possa dizer que me faça mudar de ideia.

O sorriso de Jack zombava de Lacey.

— Nem mesmo se eu lhe disser que Sarah é minha irmã?

Quatro



— Sua irmã! — Lacey repetiu, pasma. Por um momento, perguntou-se se poderia acreditar em Jack, e decidiu que sim. A intimidade entre ele e Sarah foi o que mais havia chamado sua atenção na primeira vez em que os vira juntos. Fazia sentido serem irmãos.

— O que você achou que ela fosse? — Jack perguntou. — Você presumiu que Sarah e eu fôssemos amantes? Como pôde pensar isso?

— Vocês estão sempre brigando e...

— Claro que brigamos, somos irmãos! Sarah está morando com um homem e eu não aprovo. Queria que ela usasse a cabeça que Deus lhe deu e saísse dessa.

— Você não apoia o fato de morarem juntos ou o homem com quem ela está morando? — Lacey quis saber.

— Os dois. Em minha opinião, ela está cometendo o maior erro de sua vida. Minha mãe e meu pai não sabem, e eu me recuso a esconder essa história por mais um segundo.

— É por isso que você vive insistindo para ela vir morar com você! — Lacey havia ouvido a essência da discussão entre eles várias vezes e, inclusive, havia ficado empolgada quando Sarah dissera categoricamente que não moraria com Jack.

— Como sabe sobre o que discutimos? — ele perguntou, olhando-a intrigado.

— Você realmente acha que não dá para ouvir vocês dois? Essas paredes são feitas de papelão! — Um filme passava na mente de Lacey. Se Sarah era irmã de Jack, isso respondia a uma ampla gama de perguntas inadequadas.

Jack enfiou as mãos nos bolsos e andou até o outro lado da cozinha. Franziu as sobrancelhas como se estivesse absorto em seus pensamentos.

— Não sabia que falávamos tão alto assim.

— Vocês dois parecem ter opiniões fortes sobre o assunto.

— Esse tempo todo você achou que eu estivesse enganando Sarah?

— O que mais eu poderia pensar? — ela perguntou na defensiva. — Além disso, havia todas aquelas outras mulheres.

— Que outras mulheres?

— Aquela que vi com você na caixa de correio outro dia, por exemplo.

— Glória?

— Não ouvi o nome dela... Escuta, nada disso importa. Você pode sair com quem quiser. Não me deve nenhuma explicação.

Ele pareceu não ouvi-la.

— Glória é uma amiga, nada mais. Até saímos alguns anos atrás, mas não virou nada. Ela está saindo com outra pessoa agora.

— E sua assistente? — Lacey perguntou, antes de poder impedir que a pergunta saísse de sua boca.

— A Sra. Blake? — ele riu às gargalhadas. — Ela tem cinquenta anos e já é avó.

Lacey queria desesperadamente acreditar nele.

— Cinquenta?

Ele fez que sim.

— Só há uma mulher para quem tenho olhos nos últimos meses, e essa mulher é você.

— Você sempre sabe o que dizer, não é, Jack Walker? Mas já ouvi isso antes. — E havia perdido as contas de quantas vezes.

Ele arqueou uma sobrancelha enquanto avançava alguns passos na direção de Lacey.

— Se me deixar beijá-la, quem sabe muda de ideia?

A tentação era forte, mais forte do que Lacey queria que fosse.

— Outro dia — ela disse, o coração ecoando intensamente nos ouvidos enquanto ela se afastava dele.

Jack parecia desapontado.

— Tudo bem, Lacey, fui paciente até agora. Posso esperar mais um pouco. — Ele olhou para o relógio e suspirou. — É melhor eu voltar para meu apartamento. Passo por aqui mais para o fim da semana para ver Cléo. — Ele ficou parado, esperando, como se desse um tempo para ela mudar de ideia.

Mas ela não o fez, embora devesse. A vida lhe ensinara a não confiar nos homens. O que Jack havia dito era verdade, mas ela se recusava a acreditar que ele estivesse interessado nela há tantos meses. Nenhum homem tinha essa paciência toda. Pelo menos, nenhum homem que ela havia conhecido.

Antes de sair, ele segurou os ombros dela e beijou seu rosto.



— Você vai sair com Jack? — Jeanne perguntou, quando se encontraram na manhã seguinte. Lacey estava carregando vários catálogos de amostras de carpete. Ela podia jurar que cada um pesava quase dez quilos. Sentia que seus braços iam desmontar.

— Não sei.

Jeanne olhou para ela, pensativa.

— Lacey, você não pode deixar essa oportunidade passar. Como já disse, o cara é um pedaço de mau caminho.

— Beleza não é tudo.

— Verdade, mas é um bom começo. Além disso, *gosto* de Jack.

— Você só o viu uma vez.

— Verdade, mas gostei do que vi.

Lacey não sabia o que responder. Elas ficaram em silêncio por alguns minutos.

— Vi que trouxe trabalho para casa outra vez. — Jeanne olhou com desaprovação na direção dos catálogos.

— Estamos preparando um orçamento para o escritório de um contador, então passei por lá ontem à noite para que ele desse uma olhada nas cores e nos diferentes tipos de carpete.

— Mais hora extra que você não está recebendo! — Jeanne murmurou. — Você já parou para pensar no que o Sr. Sullivan faria sem você?

Lacey já havia pensado bastante sobre isso. Toda vez que fazia uma cotação ou tinha de lidar com um cliente difícil porque o Sr. Sullivan “não se encontrava no escritório naquele momento”, ela pensava exatamente nisso.

— Ele acharia outra trouxa para assumir meu lugar.

— Não seja ridícula — Jeanne disse. — Ele precisa de você. Ele sabe disso e você também. O que deve fazer, minha amiga, é usar isso a seu favor. Nós duas sabemos que você deveria estar ganhando o dobro do que ganha agora.

— O dobro?

— Não sei o quanto esse sovina lhe paga, mas sei que não é o suficiente. Se não disser algo para ele, eu direi.

— Jeanne!

— Relaxa. Não direi nada. Mas essa situação me irrita. Você o deixa se aproveitar da sua boa vontade. Não sei por que ele sai ileso disso. Ah! Por acaso você gosta de se fazer de vítima?

— Não!

Jeanne deu de ombros.

— Então, faça algo a respeito.

Sua amiga estava certa. Mais que certa. Lacey estava mesmo se fazendo de vítima. Ela saiu da estação de metrô indignada, mas essa indignação durou até a chegada ao escritório.

Infelizmente, o único elevador do prédio estava quebrado. Levando consigo as amostras de carpete, Lacey bufou pelos três lances de escada e literalmente cambaleou para dentro do escritório.

O Sr. Sullivan lançou-lhe um olhar preocupado. Com quase 50 anos, ele estava ficando careca e seus olhos azuis perdiam o brilho. No entanto, seus ternos eram meticulosamente ajustados e ele insistia que os dois mantivessem uma imagem extremamente profissional.

Lacey pôs a mão no peito e sentou-se bruscamente sobre a primeira cadeira que achou.

— Lacey, você está bem?

Ela fez que não. Ela não havia percebido o quanto estava fora de forma até subir as escadas carregando dois catálogos de dez quilos.

O Sr. Sullivan foi até o bebedouro e pegou um copo de água.

— Beba isso e se sentirá melhor.

— Sr. Sullivan... — Ela estava tão ofegante que sua voz mal podia ser ouvida. — Precisamos... conversar... sobre... o meu cargo aqui.

— Claro. Você tem feito um ótimo trabalho. Tenho muito a lhe agradecer. Percebi que nos últimos tempos destinei as tarefas mais desagradáveis a você e espero que me perdoe por isso.

Ele era um homem gentil, ela percebeu. Insatisfeita com seu salário, acabou por concebê-lo, em sua mente, como um ogro, com poucas qualidades que o salvavam. Da mesma maneira como havia feito com Jack... até pouco tempo atrás.

— Hora extra. — Seus pulmões doíam; caso contrário, discorreria melhor sobre o assunto.

Ele franziu a testa como se não a estivesse entendendo.

— Você está dizendo que fazendo hora extra você se tornará uma decoradora experiente?

Ela fez que sim, mas era mais que isso.

— Você é incrivelmente talentosa, Lacey. Dentro de poucos anos, tenho certeza de que conseguirá. — Dito isso, ele levantou os catálogos pesados, colocou-os apoiados contra a parede e voltou para sua mesa.

Resmungando em voz baixa, Lacey foi até sua mesa. Nem bem tirou a jaqueta, o Sr. Sullivan anunciou que ficaria fora o resto da manhã. Não disse aonde ia, o que era típico.



Quando Lacey voltou para seu apartamento naquela noite, a primeira coisa que fez foi mergulhar na banheira. Estava uma delícia.

O dia havia sido agitado. Com certeza, não estava a fim de companhia, quando ouviu alguém bater na porta. Correu para vestir um moletom e atender, enquanto resmungava:

— Por favor, que seja rápido!

Jack estava com Sarah do lado de fora.

— Achei que era hora de vocês duas se conhecerem — ele disse.

— Sou Sarah — a morena atraente disse, estendendo a mão. Agora que Lacey sabia que eram irmãos, era fácil perceber as semelhanças entre eles. Sarah tinha os mesmos olhos castanho-chocolate e o mesmo cabelo espesso e escuro de Jack.

— Jack me disse que houve um mal-entendido. — Sarah abriu um sorriso, como se estivesse se divertindo com o fato.

— Por favor, sintam-se à vontade — Lacey disse, apontando para a sala de estar.

Jack não fez cerimônia. Sentou-se no sofá e Cléo imediatamente se aconchegou em seu colo, como se estivesse aguardando ansiosamente seu retorno.

Lacey e Sarah também se sentaram.

— Me desculpe pelo estardalhaço que Jack e eu fazemos — Sarah disse. — Ele é muito teimoso, sabe.

— Eu? — Jack protestou.

— Tudo bem, nós dois somos. Desde que mamãe e papai se mudaram para Flagstaff, ele é a única família que tenho em São Francisco. Brigamos bastante, mas somos bem próximos também.

— Brigaríamos bem menos se não fosse Mark — Jack disse, franzindo a testa e olhando para a irmã.

O maxilar de Sarah ficou tenso.

— Jack, por favor, você prometeu não falar sobre ele! De qualquer modo — ela continuou —, queria esclarecer qualquer ideia errada que pudesse ter sobre mim. Jack é mesmo meu irmão.

— Eu deveria ter percebido. Vocês são muito parecidos.

Sarah se levantou.

— Bem, preciso ir embora mesmo. Vou encontrar Mark para jantar, mas queria passar por aqui para me apresentar. Jack já falou várias vezes de você e, bem, espero que tudo dê certo... com a Cléo! — Corrigiu-se rapidamente.

Sarah foi embora, mas Jack ficou exatamente onde estava; no sofá, com Cléo cochilando em seu colo.

— Ok! — ele disse, depois que Lacey levou Sarah até a porta. — O que foi?

— O que quer dizer?

— Tem algo que a está incomodando — ele respondeu calmamente, estudando-a.

Desconfortável com o exame minucioso de Jack, pensou se lhe contava a verdade. O banho quente não a havia acalmado como esperava e não conseguia parar de pensar no que Jeanne lhe havia dito sobre gostar de se fazer de vítima.

— Sou uma molenga! — ela confessou, sentando-se abruptamente em uma cadeira.

— Uma molenga — Jack repetiu lentamente, como se não tivesse certeza do sentido da palavra. — Em que sentido?

Ela jogou as mãos para o alto sem querer falar sobre o assunto. Quanto mais reclamava, pior se sentia. Se fosse para se lamuriar sobre o trabalho, que o fizesse com o Sr. Sullivan. Até então, ele era a única pessoa que não sabia como ela se sentia e só podia culpar a si mesma por isso.

— Tudo bem, você é uma molenga — Jack disse. — Mas até mesmo uma molenga precisa comer. O que acha de jantarmos?

— Fora?

— Podemos pedir pelo telefone, se quiser. Mas aposto que uma noite em Chinatown

^[2]

faria muito bem a nós dois.

Lacey tentou conter sua surpresa. Jack a estava convidando para jantar e ela percebeu que fazia tempo não queria tanto algo quanto queria isso agora. E antes que pudesse pensar em uma longa lista de objeções, aceitou.

O sorriso de Jack se abriu por completo.

— Ótimo! — Ele colocou Cléo de lado delicadamente. — Você gosta de comida chinesa?

— Adoro. Picante, apimentada e em grandes quantidades.

— Eu também. Quanto mais apimentada, melhor.

— Nunca é picante demais para mim — ela disse.

Ele ergueu uma sobrancelha e disse:

— Quer apostar?

Lacey não quis. Jack insistiu para pegarem um táxi para evitar a caça por uma vaga para estacionar na movimentada Chinatown. Para Lacey, o metrô já seria suficiente. Ela não tinha carro e seu único meio de locomoção era o transporte público. Felizmente, São Francisco tinha um sistema metroviário excelente.

O táxi os deixou na Avenida Grant. Lacey amava andar pelas ruas de Chinatown. Produtos das pequenas lojas espalhados pelas calçadas, expostos em longas mesas estreitas. Os cheiros a instigavam. Os incensos se misturavam com o cheiro de pato cozido e se confundiam com o aroma penetrante dos temperos, tomando conta do ar. As lanternas chinesas iluminavam as esquinas.

Jack a conduziu até o que dizia ser seu restaurante favorito, de mãos dadas com ela. Lacey gostou de estar ligada a ele; gostou tanto que estava um pouco assustada com a sensação.

Quando se aproximaram de um lance de escadas íngreme, que parecia algo construído pelos maias no México, Lacey hesitou.

— Não é tão ruim quanto parece. — Jack colocou um braço ao redor de sua cintura. Lacey conseguiu lidar melhor com o lance de escadas do que com essa nova intimidade. E não ajudou ter subido e descido os três lances de escadas de seu trabalho várias vezes naquele dia. Ela explicou o que havia acontecido com o elevador do trabalho e Jack foi apropriadamente compreensivo.

O jantar começou com uma sopa picante e ácida, seguida por guioza

[3]

em óleo quente. Jack fez o pedido e insistiu que ela experimentasse o frango szechuan,

[4]

camarões com molho de chili e o filé apimentado. De tempos em tempos, ele olhava para ela para ver se havia aprovado suas escolhas.

— Nunca conseguiremos comer isso tudo — ela insistiu, inclinando-se na direção dele até seu estômago pressionar a lateral da mesa.

— Eu sei — ele disse, despreocupado. — Vai sobrar bastante coisa para levar para casa.

Ela ficou surpresa com o quanto tinham para conversar.

Ele respeitou sua privacidade e não insistiu nos assuntos que ela não queria comentar. Ouviu-a com atenção e sua risada era natural, e, antes que ela pudesse perceber, estava completamente relaxada. Seus problemas pareciam bem menos importantes.

Lacey até conseguiu provar todos os pratos que Jack pedira, todos novos para ela. Estavam tão bons que era difícil parar de comer.

Quando deixaram o restaurante carregando as sobras, Lacey estava satisfeita e feliz. Eles andaram pelas ruas movimentadas, parando às vezes para olhar os artigos de uma loja ou outra. Jack comprou para ela um sabonete com aroma de jasmim e, para Cléo, um brinquedo.

— Diga a ela que foi Cão quem mandou — ele disse.

Ela sorriu.

— Pode deixar. É o mínimo que ele pode fazer.

— É mesmo — Jack concordou.

Ela teve dificuldade em parar de olhar nos olhos de Jack. Fazia muito tempo que não se divertia tanto assim com um homem.

— É melhor voltarmos — Jack disse subitamente, chamando um táxi.

— Tão cedo? — ela protestou, sem entender a mudança repentina em seu humor. Em um momento estavam gostando da companhia um do outro e, no momento seguinte, Jack parecia estar com muita pressa para voltar para casa. Ele se virou para ela, seus olhos fitando avidamente os dela.

— Também não quero ir.

— Então, por que estamos indo?

— Porque não aguento ficar mais um minuto sem beijar você. E fazer isso no meio de Chinatown pode deixá-la constrangida.



Cinco



Nenhum dos dois falou no caminho de volta ao prédio. Jack pagou o taxista, pegou a mão de Lacey e a levou até o saguão. O elevador os aguardava com a porta aberta e, assim que os dois entraram, Jack a tomou em seus braços.

No momento em que seus lábios se tocaram, Lacey percebeu que estava louca de desejo por ele. A boca de Jack era firme e ávida, tão ávida quanto a dela. Na ponta dos pés, Lacey pôs os braços ao redor do pescoço de Jack.

Quando suas bocas se separaram, ela enterrou o rosto no ombro de Jack, que a manteve junto de si, passando o queixo sobre a cabeça dela. O toque de Jack era tão delicado quanto ela imaginava. Cléo confiou nesse toque, saboreou-o. Agora era sua vez.

Ela queria que ele a beijasse de novo, precisava disso, para ter certeza de que era real. Como se lesse sua mente, ele usou o polegar para levantar o queixo dela. Seus olhos se encontraram e, por um momento, sua respiração parou, e Jack desceu os lábios até os dela. A boca dele era molhada, quente e sedutora. Lacey suspirou enquanto suas emoções se reviravam como a neblina densa que circula ao redor da Ponte Golden Gate.

Era real, ela se deu conta. Era impossível ser mais real. Em um momento ela se agarrava a ele, sem fôlego de tão maravilhada, e, no momento seguinte, lutava contra as lágrimas.

— Lacey...

Ela não respondeu, mas se soltou dele o suficiente para apertar o número do andar, na intenção de escapar daquela situação o mais rápido possível. Não

queria conversar nem explicar as emoções que nem ela mesma entendia. Tremendo por causa do impacto de seu toque, percebeu o quanto estava aterrorizada.

Depois que Peter a deixara, ela ficou em choque. Se tivesse examinado a dor logo após o divórcio, teria de reconhecer o quanto ele a havia machucado.

E agora havia Jack, doce e paciente, que despertava nela uma riqueza de sensações. Mas ela não conseguia aceitar essa promessa de alegria sem antes lidar com a dor perturbadora e obscura de seu passado.

— Lacey — ele sussurrou mantendo os braços em volta da cintura dela. — O que há de errado?

Ela fez que não. Não era capaz de encontrar uma explicação.

— Estou bem. — Não era verdade. Não se sentia bem desde que soubera que Peter estava com outra mulher. Sentiu-se destruída e inadequada. Nunca havia se recuperado da perda devastadora do sonho que havia carregado consigo desde criança, brincando de casinha com suas bonecas de papel.

Não era para ser assim. O casamento deveria ser para sempre. O amor deveria durar mais que uma só noite. O compromisso deveria durar mais que poucos meses.

Tudo o que Lacey tirou de seus anos com Peter foi uma amargura enterrada tão profundamente em sua alma que foi necessário a ternura de outro homem, que ela mal conhecia, para perceber o que estava fazendo consigo mesma nos últimos dezoito meses.

Em silêncio, Jack a acompanhou pelo corredor. Parando do lado de fora do apartamento dela, ele tirou um cacho de cabelo de seu rosto. Seu toque era leve e delicado.

— Obrigado — ele sussurrou, pressionando suavemente seus lábios contra os dela.

Ela piscou. Duas vezes.

— Por que está me agradecendo?

Um sorriso surgiu no canto da boca de Jack.

— Você saberá em breve.

A mão de Lacey tremia enquanto colocava a chave na fechadura. Cléo estava lá para recebê-la, descontente por ter sido deixada sozinha por tanto tempo. Lacey precisou de um pouco de tempo para se livrar de seus pensamentos.

Depois de colocar a bolsa de lado, foi até a cozinha. Podia ouvir Jack se movimentando do outro lado, guardando as sobras do jantar na geladeira. Ela se serviu de um copo de água e sorriu, quando ouviu uma batida leve vinda da parede.

Foi até lá e bateu de volta, divertindo-se com a brincadeira.

— Boa noite, Lacey — ela o ouviu dizer.

— Boa noite, Jack — ela sussurrou e pressionou a palma aberta de sua mão contra a parede, sentindo que precisava dessa pequena conexão com ele e, ao mesmo tempo, temendo o que poderia acontecer. Ela estava feliz por ele não poder ver o que estava fazendo.



Lacey não poderia ter ficado mais surpresa quando Sarah Walker entrou na Sullivan's Decoração dois dias depois de seu jantar com Jack.

— Sarah, oi! — Lacey disse se levantando para cumprimentar a irmã de Jack.

— Espero que não esteja incomodando você. Desculpe passar por aqui sem avisar. — Sarah examinou, ansiosa, a loja bagunçada ao seu redor. Cada canto estava tomado por catálogos e amostras de materiais.

— Imagine!

— Queria saber se podemos nos encontrar para almoçar e conversar uma tarde dessas.

Lacey gostou da ideia, embora estivesse surpresa.

— Seria um grande prazer.

Concordaram em se encontrar na semana seguinte e Sarah escolheu um restaurante de frutos do mar em Fisherman's Wharf

[5]

, um dos favoritos de Lacey.

Lacey encontrou-se com Jack quase todas as noites daquela semana, mas nunca por muito tempo. Ele tinha uma longa lista de desculpas convenientes para aparecer sem aviso e, aos poucos, foi abrindo caminho na vida de Lacey. Ela sabia o que ele estava fazendo, mas não se importava. Jack não tentou beijá-la novamente e ela estava grata por isso, mas, ao mesmo tempo, não esperava que a paciência dele durasse muito.

— Me divorciei há pouco mais de um ano — ela mencionou de um jeito casual, uma noite, sem olhar para ele. Com Cléo em seu colo, Lacey se sentia segura para lidar com a verdade.

Jack estava sentado de pernas cruzadas, sereno e relaxado no sofá, com uma caneca de café nas mãos.

— Foi o que imaginei — ele disse. — Quer falar sobre isso?

— Agora não. Você se importa?

Ele levou um tempo para responder. Parecia o momento mais longo da vida de Lacey.

— Não. Mas acho que deveríamos. Um dia. Quanto antes, melhor.

Ela sabia que ele estava certo. Nos últimos dias, andou reescrevendo seu diário. Era a única maneira de colocar seus sentimentos em ordem. O hábito de manter um registro dos eventos de sua vida começou ainda na escola e durante anos ela escrevera um ou dois parágrafos ao final de cada dia.

Depois que Jack a beijou, ela voltou ao diário escrito durante os dolorosos meses anteriores ao divórcio. O que a impressionou foi a falta de emoção naquelas breves linhas. Era como se ela houvesse feito uma rápida anotação dos detalhes de um relatório policial. Apenas os fatos, nada mais. Pequenas informações inúteis, enquanto o mundo desabava diante dela.

Ela leu um dia de cada vez e então, cheia de coragem, reescreveu aquelas semanas traumatizantes, revivendo cada dia, recusando-se a atenuar a dor. Ficou

surpresa com a incrível quantidade de ódio que sentiu. Em relação a Peter e a Michelle, a mulher por quem ele a deixou e com quem se casou pouco depois.

A amargura jorrou de sua caneta até sua mão começar a doer e seus dedos latejarem, e, mesmo assim, não conseguia parar. Era como se a caneta insistisse para que ela escrevesse tudo o mais rápido possível, porque só assim ficaria bem, só assim poderia seguir com sua vida.

Achou que ia explodir. Até mesmo Cléo sabia que não deveria se aproximar. Segurando uma caixa de lenços, ela chorava, andava de um lado para o outro e, então, voltava a chorar. Enxugava os olhos, assoava o nariz e jogava o lenço no chão, na cama, na mesa, na cozinha, no banheiro... Pela manhã, descobriu um rastro de lenços que se espalhava por todos os cômodos do apartamento.

O sono lhe fugiu. Não era justo. Ela havia purificado sua alma. Mas já era bem depois da meia-noite quando caiu em um sono inconstante.

Lacey não estava a fim de companhia na noite seguinte, quando Jack chegou, mas estava feliz com a visita. Sua presença era agradável, ele não exigia nada dela e, ainda, oferecia todo seu apoio.

Cléo pulou do colo de Lacey e foi até o quarto, como se não tivesse uma única preocupação no mundo. Quando a gata saiu, Jack se levantou e foi até Lacey, estendendo a mão para ela.

Ela olhou para ele e piscou. Então, sem questionar, lhe deu a mão. Ele a apertou firme e a levantou da cadeira. Com bastante habilidade, mudou de posição, pegando o lugar dela e tomando-a em seu colo.

— Parece cansada. — Seu olhar era terno e preocupado.

— Estou exausta! — Deveria mesmo estar, depois daquela noite de insônia. Não importava o quanto tentasse, não conseguia enterrar o passado. Ele a incomodava como uma pedra no sapato.

Jack deitou a cabeça de Lacey em seu ombro.

— Você está pronta para falar sobre seu casamento?

Levou bastante tempo para ela responder e, quando conseguiu, viu-se tentando conter as lágrimas.

— Ele se apaixonou por outra. Estava tendo um caso havia meses. Ah, Jack, como pude ser tão burra a ponto de não saber, de não perceber o que estava acontecendo? Fui tão cega, tão ingênua!

A mão de Jack estava sobre os cabelos dela.

— Ele foi um tolo, Lacey. Você sabe disso, não sabe?

— Eu... só sei que Peter está feliz e eu estou um caco. Não é justo. Quero que ele sofra como me fez sofrer. — Ela enterrou o rosto no peito de Jack.

Quando os soluços cessaram, Lacey percebeu que Jack estava emitindo sons suaves e acalentadores. Limpando as lágrimas do rosto, ela levantou a cabeça e tentou abrir um sorrisinho.

— Você conseguiu entender alguma coisa do que eu disse?

— Consegui ouvir sua dor e foi o suficiente.

Ela se encheu de gratidão. Não sabia como lhe dizer o que havia em seu coração. O quanto estava grata por sua amizade, por mostrar que ela havia anestesiado sua própria vida, bloqueado qualquer chance de ter outro relacionamento. Aos poucos, ele esgotou sua resistência. Ela só conseguia pensar em agradecê-lo com um beijo.

Fazia tanto tempo que um homem não a abraçava daquele jeito! Fazia anos que ninguém acendia aquele fogo dentro dela. Suas bocas se encontraram, tímidas de início, mas logo ganharam intensidade. Depois de apenas alguns segundos, Lacey estava submersa em um rio de sensações.

Um tipo assustador de excitação tomou conta dela. Foi parecido quando Jack a beijou pela primeira vez, mas agora era mais forte ainda. Ela se abriu para ele e suspirou, com surpresa e prazer, enquanto os braços dele, ao redor de seu corpo, a apertavam mais forte. Sua reação inicial foi acanhada.

— Lacey — ele disse —, você faz alguma ideia do quanto me sinto atraído por você?

— Mesmo? — Sentiu-se lisonjeada diante daquelas palavras. Depois de Peter, estava convencida de que nenhum homem jamais a acharia desejável novamente.

— Temos de parar agora.

Lacey nunca teve a intenção de que aquele beijo chegasse a esse ponto, mas agora que chegara, não se sentia muito arrependida.

— Obrigada — ela sussurrou e beijou levemente seus lábios, enquanto abotoava a blusa.

— Você não me contou muita coisa sobre o divórcio — ele disse.

— Conte sim — ela afirmou. — Conte quase tudo.

Ele franziu as sobrancelhas.

— E eu fui um bom ouvinte?

— O melhor de todos — ela disse, com um sorriso terno. — Você fez com que eu me sentisse desejável, quando estava convencida de que nenhum outro homem iria me querer outra vez.

Jack fechou os olhos como se tentasse imaginar uma coisa dessas.

— Ele devia estar louco.

— Não tenho como saber isso.

— Você ainda o odeia?

Ela baixou os olhos, não queria que ele percebesse o que se passava dentro dela. Ela achava que o odiava. Mas já não tinha tanta certeza.

— Não sei. Por muito tempo fingi que o divórcio não importava. Dizia a mim mesma que tive sorte de saber o tipo de marido que tinha antes de termos filhos. Só quando conheci você percebi que havia me enterrado na própria negação. O divórcio me machucou demais, Jack. Foi a experiência mais dolorosa da minha vida! — Ela passou os braços ao redor do pescoço de Jack. — Toda vez que penso em Peter, fico triste demais.

— É um começo — Jack disse, passando o queixo na lateral de seu rosto.
— Um ótimo começo.



Seis



— Estou tão feliz por termos conseguido nos encontrar! — Sarah disse, quando Lacey chegou ao restaurante. Gaivotas voavam no alto, perseguindo os corvos. Os corvos retaliavam, correndo atrás das gaivotas em uma batalha pelo território rico em alimentos. Da janela de onde estavam sentadas, Lacey conseguia ver uma foca preguiçosa tomando sol no píer. O dia estava lindo e ela sentia o início da felicidade brotar em sua alma. Havia sido um período longo e sombrio. Sua vida andava seca e sem graça desde o dia em que Peter anunciou que queria o divórcio.

— Queria falar com você sobre Jack — Sarah disse, olhando fixamente para o cardápio.

Lacey já esperava algo do tipo e, para dizer a verdade, concordou em almoçar com Sarah pela mesma razão. Queria muito saber mais sobre ele. Ele era um executivo atraente e bem-sucedido. Tinham quase a mesma idade, ela acreditava, e não conseguia entender como ele havia chegado aos 33 anos sem se casar.

— Percebi que você e Jack têm se encontrado bastante ultimamente.

Lacey não sabia por que a verdade a deixava tão incomodada, mas se viu mexendo em seu guardanapo, embolando-o em suas mãos, ansiosa.

— Ele vai visitar a Cléo.

A risada suave de Sarah revelou o quanto ela havia achado aquilo engraçado.

— Não é na Cléo que ele está interessado, e nós duas sabemos disso. Ele está de olho em você há mais de um ano. O problema é que o meu querido irmão não sabe ser sutil.

Lacey discordou.

— Ele tem sido bastante paciente.

— Verdade — Sarah disse, relutante. — Ele não queria assustar você. Falamos de você várias vezes. Ele queria minha opinião. Fui eu quem sugeri que ele lhe enviasse flores. Ele estava completamente desanimado depois que você o recusara tantas vezes. Quem diria que aquele gato sem-vergonha seria responsável por fazer com que vocês dois se aproximassem?

Lacey ajeitou o guardanapo de tecido sobre o colo. Não era hora de se fazer de tímida.

— Gosto muito de seu irmão.

— Ele é maravilhoso mesmo. — Mais uma vez Sarah admitiu, relutante. — Ele gostou de você na primeira vez que a viu.

— Mas por quê? — Quando Lacey se mudou para o prédio, estava um caco. Não fazia nem um mês que o divórcio havia saído. Naquela época ela não havia percebido, mas parecia um zumbi.

O olhar de Sarah era sugestivo.

— Jack é assim. Ele sabia que alguém a havia machucado muito e que você precisava de ajuda, assim como Cão. Ele o encontrou em um beco escuro, desnutrido e tão perturbado que não deixava que ninguém se aproximasse. Várias semanas se passaram até que ele reconhecesse Jack como amigo — ela pausou, inclinou-se para frente e apoiou os cotovelos sobre a mesa. — Mas Jack foi paciente. Ele também tem sido paciente com você e está sendo recompensado por isso. Não me lembro da última vez em que o vi tão feliz.

— Não sou uma gata de rua — Lacey disse, na defensiva. Ela não havia gostado da comparação, mas não pôde deixar de perceber as semelhanças.

— Não, claro — Sarah falou rapidamente. — Não foi isso que quis dizer. Jack me mataria se eu insinuasse uma coisa dessas. Mas você estava machucada e

ele percebeu isso. Se quer saber a verdade, acho que ele deveria ter virado médico. É parte de sua natureza querer ajudar os outros.

— Entendo. — Lacey não estava achando essa conversa nem um pouco lisonjeira, mas não podia negar o que Sarah havia dito. Durante o ano que se passou, ela se fechara para o mundo. Só quando Jack surgiu em sua vida que ela entendeu o quanto era importante lidar com o divórcio.

Sarah suspirou e colocou o cardápio de lado.

— Jack é maravilhoso. E é por isso que é tão difícil entender por que ele é tão irracional em relação a Mark.

— Não sabia que Jack podia ser irracional.

— Mas pode — Sarah disse, mantendo a cabeça baixa como se estivesse prestes a chorar. — Amo Mark. Queremos nos casar um dia. Só não podemos nos casar agora, por diversas razões. Às vezes acho que Jack o odeia.

— Tenho certeza de que isso não é verdade. — Lacey achava impossível Jack odiar qualquer pessoa, mas ela podia entender com facilidade o porquê de ele ser superprotetor.

— É verdade — Sarah disse exaltada. — Jack se recusa a ter qualquer coisa a ver com Mark e sabe por quê? — Lacey não teve a chance de responder. — Porque Jack acha que ele está me usando. Nada que eu diga pode convencê-lo do contrário. É a coisa mais ridícula que já ouvi e é só porque estamos morando juntos. Meu irmão precisa acordar para a vida!

O garçom chegou com copos de água gelada e uma cesta cheia de pães quentes. Lacey lhe agradeceu com um sorriso, aliviada pela interrupção. O aroma do pão fresco era divino, mas a conversa a estava deixando desconfortável. Ela não sabia bem o que dizer para Sarah. Preferia lhe fazer perguntas sobre Jack a brincar de pombo-correio entre os irmãos. Jack podia ser superprotetor, mas ela não conseguia imaginá-lo odiando Mark sem uma razão concreta.

— O que eu queria mesmo era que você falasse com Jack para mim — Sarah disse, com os olhos suplicantes. — Ele vai escutar você porque...

— Não posso fazer isso, Sarah — Lacey interrompeu.

— Esperava que você ao menos pensasse no assunto. Pensei que, se você conhecesse Mark, poderia constatar o quanto ele é maravilhoso. E então contaria a Jack. Não se importa se ele se juntar a nós, se importa?

Mais uma vez, Lacey não teve chance de escolher. Sarah se levantou só um pouco de sua cadeira e acenou.

Um jovem sofisticado saiu do bar e foi na direção das duas, levando um drinque consigo. Lacey o estudou, tentando manter a mente aberta. No quesito aparência, era um homem atraente. Ele beijou o rosto de Sarah, mas seus olhos se moveram lentamente até Lacey e se demoraram em sinal de aprovação. Trocaram um breve aperto de mão enquanto Sarah os apresentava.

— Espero que não se importe de eu me sentar com vocês — Mark disse, puxando uma cadeira. — Embora todos os homens aqui possam pensar que sou ganancioso por estar sentado com as duas mulheres mais lindas do restaurante.

Mark não precisava dizer mais nem uma palavra para que Lacey entendesse por que Jack não gostava dele. Era muito bajulador. E ela não gostou de como ele a olhava, um pouco interessado demais. O que não entendia era como Sarah podia ser tão cega.

— Sarah e eu estamos diante de um pequeno dilema. — Mark pegou a mão de Sarah.

— Precisamos de ajuda com Jack — Sarah explicou. — Mark sugeriu que nos encontrássemos com você para conversarmos sobre isso. Não sei se é uma boa ideia, mas Mark parece achar que você...

— Isso — Mark interrompeu. — Achei que você poderia dizer algo que acalmaria os ânimos entre Sarah e o irmão dela para mim.

— Você quer que eu converse com Jack em seu favor? — ela perguntou. Aparentemente Mark não tinha nenhum receio em confiar a ela essa função. O que ele não entendeu era que Jack reagiria negativamente a isso. O pouco de respeito que Jack tinha por ele poderia ir por água abaixo.

— Só diga que conheceu Mark — Sarah tentou persuadi-la. — Não precisa fazer nenhuma tempestade em copo d'água. Tenho certeza de que ele escutaria você. Sabe, Jack vive na Idade Média. Mark acha que ele tem ciúme. Meu irmão e eu costumávamos ser muito unidos. Eu lhe contava tudo sobre minha vida. — Um olhar melancólico ofuscou seus belos traços. — Mas as coisas mudaram entre

nós. É muito triste brigarmos tanto assim. Não posso deixar de concordar que pareça ciúme.

Lacey se perguntava se isso era verdade.

— Jack já se encontrou com Mark?

— Sim, várias vezes. E desde a primeira vez implicou com ele.

— Não começamos muito bem — Mark admitiu friamente.

— O que aconteceu? — Lacey perguntou.

— Nada — Sarah respondeu, na defensiva. — Absolutamente nada. Mas nunca havia tido uma relação séria com alguém e Jack não consegue aceitar isso.

Lacey não queria tomar partido, mas acabou dizendo:

— Não conheço Jack tão bem assim, mas não consigo imaginá-lo sendo do tipo ciumento.

— Eu sei, mas, sabe, sou louca por Mark e Jack sabe disso, e, na concepção de Mark, e na minha também, Jack precisa aceitar o fato de que a irmãzinha dele cresceu. Mas ele simplesmente se recusa. — Absorta, Sarah partiu um pedaço de pão e o segurou com as mãos, como se não soubesse o que fazer com ele. — Você pode nos ajudar, Lacey?

— Duvido — ela disse da maneira mais direta e honesta que conseguiu.

— Jack escutaria você — Sarah disse.

Lacey sorriu ao perceber o quanto Sarah acreditava que ela tinha alguma influência sobre Jack.

— Sou apenas a vizinha.

— É aí que se engana — ela disse, com voz mais exaltada pela força de sua convicção. — Jack realmente gosta de você; mais que de qualquer pessoa há muito tempo.

Lacey também não tinha certeza disso, mas deixou passar.

— Você quer que eu diga a seu irmão que você é uma mulher madura e capaz de tomar as próprias decisões, quer ele concorde, quer não.

— Exatamente — Sarah disse.

— É isso que ele precisa ouvir — Mark concordou.

— Como é uma mulher adulta, é livre para amar quem quiser — Lacey continuou.

— Isso mesmo. — O volume da voz de Sarah aumentou. Ela se sentia mais convencida ainda disso.

Mark sorriu para Sarah e ela sorriu em resposta.

— Sabemos o que estamos fazendo. Não é, querida?

— Já sou maior de idade e vacinada — Sarah anunciou.

— Vocês dois são capazes de julgar o caráter das pessoas — Lacey acrescentou.

— É claro. — O sorriso de Sarah se abriu. — Eu mesma não poderia ter dito melhor.

Eles foram momentaneamente interrompidos pelo garçom, que voltou para anotar os pedidos.

— Jack não é irracional — Lacey continuou. — Se é assim que pensam, não precisam de mim para dizer isso a ele. Façam isso vocês mesmos, juntos.

— Mas ele não vai nos ouvir! — Sarah protestou.

— Vocês já tentaram?

Mark partiu o pão em dois e baixou a cabeça.

— Não exatamente, mas também não tivemos muitas oportunidades.

— É o fato de morarem juntos que o está incomodando? — Lacey perguntou.

— Isso não é permanente — Sarah disse.

— Pretendemos nos casar um dia — Mark disse. — Mas não agora. Queríamos nos casar do nosso jeito e não como o irmão mais velho dela quer.

Lacey ficou em silêncio, pois sentia que seu ponto de vista sobre o assunto não seria bem-vindo. Com o passar dos anos, várias amigas suas optaram por apenas morarem com os namorados. Pode ter sido coincidência, mas todas saíram desses relacionamentos arrependidas.

— Amar meu Mark não é um erro! — Sarah insistiu, com certo exagero na voz. — Somos perfeitos juntos.

O garçom serviu as saladas, mas, nessa altura, Lacey já havia perdido o apetite.

— E Sarah é perfeita para mim — Mark completou antes de pegar o garfo e espetar o camarão suculento que decorava o topo de sua enorme salada.

— Mark me ama e eu o amo — Sarah concluiu. — Em minha opinião, isso é o mais importante.

Lacey percebeu que os dois achavam que podiam fazê-la mudar de ideia. Era importante deixar tudo bem claro.

— Espero que entendam por que não posso falar com Jack em favor de vocês.

— Sim — Sarah disse decepcionada. — Só queria que Jack não fosse tão hostil.

— Sarah? — A voz masculina e rouca vinha de trás de Lacey. — Lacey? O que vocês duas estão fazendo aqui?

Era Jack.



Sete



— Olá, Jack — Sarah disse depois de se recuperar do choque. Ela não parecia feliz. Lacey sabia que as coisas entre eles não andavam bem e queria ajudá-los, mas não conseguia pensar em uma maneira de aliviar a tensão entre os dois. Jack ignorou Mark. E Mark não deu o braço a torcer.

— Como estão minhas duas meninas favoritas? — Jack perguntou, ignorando a saudação fria de Sarah. Ele puxou uma cadeira e se sentou, sem esperar um convite.

— Por favor, sente-se — Sarah resmungou em tom irônico.

— Olá, Jack — Lacey disse, com o coração cheio de felicidade, apesar da recepção amarga de Sarah e Mark. Ela abaixou a cabeça rapidamente quando ele focou os olhos nela. Lacey não tinha razão para se sentir culpada, mas, ainda assim, era o que sentia. Ela não estava fazendo nada pelas costas de Jack.

— Lacey e eu só estávamos batendo um papo — Sarah disse, depois de um minuto constrangedor. — É isso que você quer saber, não é?

— Não perguntei nada, Sarah. O que você e Lacey conversam não é da minha conta. — Jack pediu uma xícara de café e se virou para Lacey e Sarah, dando as costas para Mark.

— Se quer mesmo saber, estávamos discutindo sobre Mark e eu — Sarah disse, bem mais na defensiva do que o necessário.

Jack deu um gole em seu café sem dar nenhuma indicação de que o tópico da conversa o incomodava.

— Vamos mudar de assunto. O que acham?

— Aposto que você estava torcendo para que Lacey pusesse algum juízo em minha cabeça — Sarah disse firmemente. — Bem, então, você errou.

Jack se virou para a irmã com um olhar espantado e desaprovador.

— Não precisa se preocupar — Sarah continuou com o mesmo tom exageradamente sensível. — Ela se recusou a falar com você em nosso favor.

— Mark pediu a ela?

— É claro — Sarah respondeu, agressiva. — O que mais ele pode fazer se você se recusa categoricamente a falar com ele?

— Não gosto nada de você colocá-la nessa situação — Jack disse sem se preocupar em esconder sua desaprovação.

— Não precisa se preocupar — Sarah retrucou. — Isso não se repetirá.

Lacey ficou chateada ao assistir à discussão, sabia o quanto amavam um ao outro. Mas não havia nada que pudesse fazer a não ser escutar.

— Como está Cléo? — Jack olhou para Lacey em um esforço óbvio de encontrar um tópico mais agradável.

Lacey pegou seu café.

— Está engordando.

— Que bom — ele disse, um pouco ausente.

— Como pode ignorar Mark desse jeito? — Sarah reclamou. — Você age como se ele não estivesse aqui.

Jack, por teimosia, permaneceu em silêncio por um momento, antes de perguntar:

— Você já perguntou a ele por que me comporto assim? — Deu outro gole em seu café. — Seria muito interessante se ele admitisse a verdade.

— Vamos embora. — Mark se levantou abruptamente e pegou a mão de Sarah. — Não precisamos dele, Sarah, nunca precisamos. Vamos viver só nós dois e muito bem.

— Mas, Mark... — Sarah olhou para seu amante e então para seu irmão, os olhos tomados de indecisão.

— Você vem ou não? — Mark perguntou irritado, soltando a mão de Sarah.

— Você poderia tentar conversar com Jack — Sarah sugeriu, em um tom indeciso e patético. Lacey sentiu compaixão por ela.

— Faça o que quiser. — Mark se virou e começou a ir embora.

Sarah hesitou, dividida pela indecisão, e suspirou profundamente.

— Mark, espere — ela o chamou, correndo de forma obediente atrás dele.

O silêncio após a saída de Sarah pairava pesado no ar. O rosto de Jack ficou sombrio, com o que parecia ser arrependimento, antes de ele olhar para Lacey de novo. Pareceu, por um momento constrangedor, que ele havia esquecido que ela estava lá.

— Jack — ela disse e tocou em sua mão.

— Sinto muito. — Ele abanou a cabeça como se quisesse limpar sua mente. — Espero que Sarah e Mark não tenham sido inconvenientes.

— Nem um pouco — Lacey garantiu a ele. — Ela é uma garota adorável, mas está um pouco confusa. — Embora não fosse da conta dela, queria saber. — Por que você o odeia tanto assim?

— Há várias razões — ele disse de maneira direta. — Mas você não precisa se preocupar comigo ou com minha irmã. Não é problema seu.

— Entendo — ela respondeu e não pôde deixar de se sentir magoada pela maneira rude que ele falou a última frase. — Eu não deveria ter perguntado mesmo.

Jack suspirou.

— Eu o vi com outra garota pouco depois que Sarah foi morar com ele. Estava bem claro que os dois eram mais que meros conhecidos, mas quando disse isso para Sarah, ela me disse que eu estava mentindo, que estava tentando separá-los. É claro que Mark negou tudo. É como se minha linda e inteligente irmã

tivesse sido hipnotizada. Ela parece incapaz de perceber o que está bem embaixo de seu nariz.

— Deve ser difícil para você, não é?

— O quê? — Jack quis saber.

Lacey gentilmente apertou sua mão.

— Vê-la cometer um erro e saber que não há nada que possa fazer para impedi-la.

Jack a estudou por um longo momento e concordou.

— É horrível. E a pior parte é perder o que tínhamos entre nós. Não sei como ela pode ser tão cega!

— Sarah não consegue ver o que ela não quer ver. — Também fora assim com Lacey. As provas estavam lá, mas ela se recusou a perceber o que era evidente para todo mundo.



Quando Lacey voltou ao escritório, só pensava em Jack e Sarah. Queria que houvesse alguma maneira de poder ajudá-los, mas sabia que era impossível.

O Sr. Sullivan estava esperando por ela, andando impacientemente pelo escritório apertado. Quando ela entrou, ele olhou para o relógio.

— Está atrasada — ele anunciou.

— Cinco minutos — ela disse calmamente, enquanto se sentava à mesa. Depois de todas as vezes em que chegou mais cedo e ficou até tarde, certamente não se sentia culpada por estender seu horário de almoço em cinco minutos.

— Você sabia que a Sra. Baxter estava marcada para vir esta tarde analisar papéis de parede? — ele perguntou, com uma irritação mal disfarçada.

— Sim — Lacey respondeu, sem entender por que seu patrão estava tão irritado.

— Bem, a Sra. Baxter chegou à cidade antes do esperado e passou por aqui. Você não estava. — Sua voz indicava claramente um tom de acusação. —

Tive eu mesmo que lidar com ela e, não me importo de dizer isso a você, Lacey: aquela mulher me dá nos nervos. Era sua obrigação estar aqui.

Lacey se endireitou na cadeira negando-se a aceitar a reprimenda de seu patrão.

— Sr. Sullivan — ela disse calmamente, recusando-se a permitir que ele a atormentasse —, tenho direito a meu horário de almoço.

Ele apertou os lábios e foi até a própria mesa.

— Você é a especialista em papéis de parede — ele disse, de um jeito petulante.

— Sou? — Se realmente achasse isso, deveria pagá-la de acordo. Não haveria momento melhor para chamar a atenção de seu chefe para isso.

— Claro que é — ele disse rispidamente. — Sempre que os clientes estão interessados em papel de parede, encaminho-os a você.

— Que legal — Lacey disse.

Ele estava facilitando demais as coisas e, para a surpresa de Lacey, ela não estava nem um pouco nervosa.

— Há quanto tempo trabalho para o senhor?

— Hum... — Ele pegou um papel e anotou alguns números em um bloquinho, como se sua pergunta exigisse algum cálculo muito complexo. — Acho que um ano ou mais.

— Há exatamente um ano. O senhor lembra que, quando me contratou, fizemos um acordo?

— Sim, claro. — Ele se endireitou como se soubesse o que estava por vir.

— Haveria uma reavaliação de meu salário depois de seis meses e, outra, depois de um ano. Os meses se passaram, assumi uma boa quantidade de responsabilidades e praticamente gerencio o negócio para o senhor. E agora o senhor me diz que sou sua especialista em papéis de parede! Posso lhe garantir que nenhum especialista ganha essa mixaria que ganho. Acho, Sr. Sullivan, que o senhor me deve um aumento significativo ou talvez até dois. — Seu fôlego acabou depois de dizer tudo isso sem nenhuma pausa.

Ela finalmente conseguira! Depois de todas aquelas semanas se lamentando pelos cantos, reclamando e se martirizando, enfim pedira o aumento que merecia. E nem havia sido difícil! Então, observou o patrão e esperou a resposta.

— Eu devo um aumento a você? — O Sr. Sullivan parecia chocado, como se a ideia nunca tivesse passado por sua cabeça. — Terei de checar meus registros. Você pode estar certa. Vou dar uma olhada e lhe dou um retorno amanhã de manhã. — Depois de dizer isso, o Sr. Sullivan desapareceu, algo que andava fazendo com mais frequência nos últimos tempos e a deixava com todo o fardo de lidar com o negócio sozinha.

Lacey sentiu como se houvesse tirado um grande peso das costas. Era como se suas amarras tivessem sido rompidas.



A primeira pessoa que procurou naquela tarde foi Jack. Ela saiu do elevador e foi direto para o apartamento dele. Bateu várias vezes na porta, ansiosa para lhe contar a novidade. Para sua decepção, ele não estava em casa. Foi então que percebeu o quanto ele havia se tornado importante para ela. É como se o fato de contar para ele tornasse tudo real.

Entrando em seu apartamento, saudou sua gata e então pegou o telefone. Jeanne atendeu no segundo toque.

— Pedi o aumento ao Sr. Sullivan — ela disse, sem ao menos dizer “olá”. — Jeanne, estou tão feliz que poderia chorar! Simplesmente aconteceu. Ele fez um comentário espontâneo dizendo que sou uma especialista em papéis de parede e eu disse que, se este fosse o caso, deveria ser paga de acordo.

— Isso é ótimo! E já era hora... Meus parabéns!

Lacey sabia que Jeanne ficaria feliz por ela, simplesmente por ter conseguido juntar coragem e pedir o aumento.

— Devo tanto a você! — Lacey disse com as emoções aflorando em sua voz. — É verdade. Há pouco tempo você me disse que só poderia me ajudar se eu parasse de me fazer de vítima. E percebi que estava certa. E Jack também, ele tem sido...

Ela parou, pensando no quanto Jack a havia ajudado. Não da mesma maneira que Jeanne, mas com sua doce compreensão. Ele a incentivara e a ajudara a se encontrar. Ela entendeu, pela primeira vez, o quanto sua dificuldade em confrontar o Sr. Sullivan estava ligada ao divórcio. Ela saiu de seu casamento destruída emocionalmente, carregando consigo muita mágoa e insegurança, que passaram a ser um grande peso em sua vida.

— Você não tem falado muito de Jack ultimamente — Jeanne comentou.
— Como estão as coisas entre vocês?

— Eu não tenho falado muito dele? — Lacey se esquivou. — Está tudo bem, só isso.

— “Tudo bem” me diz que está tudo ótimo.

Cléo passou pelas pernas de Lacey, exigindo atenção. Com a ponta do sapato, Lacey chutou um brinquedo até a gata para distraí-la. Cléo correu atrás dele.

— Agora — Jeanne disse, soltando um suspiro intenso —, me diga o quanto de aumento o seu chefe vai lhe dar.

— Ele não disse o quanto. Só disse que pensaria no assunto até amanhã.

— Não deixe que ele saia pela tangente — Jeanne a alertou.

— Não se preocupe — Lacey disse. — Ele não se atreveria. — Nesse momento, ela se sentia invencível, capaz de lidar com qualquer coisa ou pessoa.

Assim que desligou o telefone, Lacey deu a Cléo a atenção que ela queria.

— Como você está, garota? — Lacey perguntou. — Aposto que está ansiosa para ter esses gatinhos. — Ela acariciou suas costas e Cléo ronronou contente. — Jack e eu encontraremos bons lares para seus bebês. — Lacey garantiu. — Você não precisa se preocupar com nada.

Jack só chegou em casa depois das seis. Assim que ela ouviu uma movimentação vinda do outro lado da parede da cozinha, correu até seu apartamento. Deu batidas marcadas na porta e ficou feliz ao ouvi-lo cantarolando do outro lado.

— Quem é? — ele gritou.

— Lacey.

A porta se abriu e ela correu para seus braços, espalhando beijos pelo seu rosto. Ele a olhou como se não soubesse ao certo o que estava acontecendo.

— Lacey? — Seus olhos estavam arregalados de surpresa e encanto. — Qual a razão disso tudo?

— Um agradecimento. — Ela colocou os braços ao redor do pescoço de Jack e o beijou mais uma vez. — Estou tão feliz!

— Meu palpite é que algo aconteceu depois do almoço.

Ela recompensou sua inteligência beijando-o mais demoradamente, saboreando seus lábios. Do fundo do coração, ela agradecia a Deus por colocar Jack em sua vida, antes solitária e infeliz.

— Estou quase com medo de lhe perguntar do que se trata. Seja o que for, não pare o que está fazendo. — Ele fechou a porta e a carregou até a sala.

Ela o abraçava com força. A camisa de Jack estava aberta. Ou ele estava se vestindo ou estava se despindo, ela não sabia ao certo. Seu corpo trêmulo se movia contra o dele.

— Você vai me dizer o que estamos comemorando? — ele perguntou, ofegante.

— Um aumento — ela disse. — E muito atrasado. Sabe, eu tinha de pedi-lo e fazer isso era uma experiência de crescimento para mim. — Ela pausou e esfregou o nariz contra o dele. — Sei que deve parecer bobo, mas eu não conseguia pedir esse aumento e isso se tornou um grande problema, um monstro, fiquei apavorada.

— Mas você conseguiu?

— Sim. E devo tudo isso a você. E a minha amiga Jeanne. Conhecer você me ajudou tanto, Jack! Você trouxe minha confiança de volta. Não sei como fez isso, mas desde que nos tornamos... amigos, parece que tudo começou a dar certo para mim.

— Eu não poderia estar mais feliz. E, naturalmente, aceitarei o crédito — ele disse afetuosamente.

— O Sr. Sullivan vai pensar no assunto até amanhã, mas, sabe, a questão não é o dinheiro, e sim eu mesma.

— Você com certeza não teve nenhuma dificuldade em me confrontar quando Cão tirou a virgindade de Cléo. Pelo que me lembro, você estava bem preparada, com uma lista detalhada de exigências.

— Aquilo era diferente. Não fui eu a afetada, e sim Cléo. Não tive nenhuma dificuldade em defender minha gata.

— Gostaria de reclamar, mas não vou — Jack disse. — Estou muito feliz pelo Cão ter ido atrás dela. Caso contrário, não sei quanto tempo levaria até que eu conseguisse quebrar essas suas barreiras.

Então ele a beijou lentamente, fazendo seu corpo tremer.

— Vamos celebrar! Jantar, dançar, passar uma noite na cidade. Vamos...

Ele parou de repente e fechou os olhos.

— O que foi?

— Tenho outro daqueles jantares de negócio idiotas hoje.

— Não tem problema. — Ela ficou decepcionada, mas entendeu. — Não avisei com antecedência. Podemos comemorar outro dia. Não tem problema. Mesmo. — Nada conseguiria frustrar sua alegria. — Daqui a quanto tempo precisa ir?

Ele olhou para o relógio e franziu a testa.

— Dez minutos.

— Então, é melhor eu ir embora.

— Não. — Ele a beijou avidamente.

— Jack! — Ela conseguiu protestar, mas não com muita veemência. — Você vai se atrasar.

— É, eu sei.

— Jack!

Ele beijou seu nariz.

— Estraga-prazer! Mas lembre-se: vamos jantar na cidade amanhã à noite.

— Vou me lembrar.

Lacey voltou a seu apartamento entorpecida. Quando se jogou no sofá, Cléo se aninhou em seu colo e ela acariciou suas costas, pensando no dia que tivera. Lacey não sabia ao certo quanto tempo ficou ali, até que alguém bateu na porta. Olhando pelo olho mágico, Lacey ficou chocada ao ver quem era.

— Sarah! — ela disse, destrancando a porta.

A irmã de Jack olhou para ela e caiu em prantos.

— Ah, Lacey, como fui ingênua!



Oito



— Sarah, o que aconteceu? — Lacey colocou a irmã de Jack para dentro de seu apartamento. Sarah se jogou no sofá e cobriu o rosto com as mãos. Vários segundos se passaram antes de ela conseguir falar.

— Descobri que Mark está envolvido com outra mulher. Encontrei os dois juntos, em nossa cama. Fiquei com o estômago embrulhado de tanto nojo. Não acreditei. Como pude ser tão burra?

— Ah, Sarah! — Lacey a abraçou. — Sinto muito!

— Jack me disse que Mark estava com outra, mas não acreditei. Eu o amava. Eu *realmente* o amava. Como pude ser tão burra? — Ela enterrou o rosto no ombro de Lacey.

Ver Sarah arrasada desse jeito era quase como ver um reflexo de si mesma no espelho. Lacey entendia a sensação devastadora de traição que Sarah estava sentindo.

— Sei exatamente pelo que está passando — Lacey disse quando os soluços de Sarah diminuíram. Ela lhe trouxe uma xícara de chá com bastante açúcar, para ajudá-la a sair do choque.

— Como assim? — Sarah perguntou e olhou para Lacey, o rosto sem maquiagem. Seus olhos transpareciam uma dor profunda e familiar. A manta de crochê que a mãe de Lacey havia feito como presente de Natal cobria os ombros da irmã de Jack, como se ela estivesse morrendo de frio. Parecia que Sarah tinha 6 anos de idade.

— É como se seu mundo inteiro tivesse virado de cabeça para baixo. Mas é muito mais que isso. A sensação de traição é a pior dor emocional que existe.

— Você também?

Lacey fez que sim.

— Meu marido, ex-marido agora, me deixou por outra mulher. Aparentemente, eram amantes havia meses, mas eu não fazia ideia. Quando Peter pediu o divórcio, pensei que fosse morrer. — As lembranças daquele último confronto voltavam à cabeça de Lacey. Mas ela percebeu, para sua surpresa, que, embora essas lembranças a entristecessem, não sentia mais a agonia esmagadora que sentiu durante um ano e meio.

— O que... o que você fez depois?

Lacey pegou na mão de Sarah.

— Depois que o divórcio saiu, juntei tudo o que tinha e me mudei para São Francisco.

— Então não deve fazer tanto tempo assim.

— O divórcio saiu no fim do ano passado, mais ou menos nesta época do ano.

Sarah deu um gole em seu chá.

— Não percebi o que estava acontecendo. Confiei em Mark de verdade. E quase deixei que ele destruísse meu amor por meu irmão.

— Não é culpa sua.

— É minha culpa sim! — Sarah chorava. — Olhando para trás, não acredito que fui contra meu irmão. Ele nunca mentiu para mim e, mesmo assim, acreditei em tudo o que Mark me dizia sobre meu irmão ser ciumento e todas aquelas outras besteiras.

— Eu também acreditei — Lacey disse. — Mas quando amamos uma pessoa, a confiança é automática. Por que suspeitar que um homem está nos traindo se fazer o mesmo jamais se passaria pela nossa cabeça? A própria ideia de trair o Peter era repugnante para mim.

Sarah segurou a xícara com as duas mãos.

— Você acha que um dia conseguirá confiar novamente em outro homem?

— Sim — Lacey respondeu depois de alguns segundos. — Mas não serei tão cega quanto antes. Não suportaria viver desconfiada. Este fardo arruinaria qualquer relacionamento futuro. Não sou a mesma mulher de dezoito meses atrás. A traição de Peter me marcou para sempre. — Ela hesitou, sem saber ao certo o quanto deveria admitir sobre as mudanças que Jack havia trazido para sua vida. — Até pouco tempo atrás, achei que jamais diria isso, mas acho que essa situação toda fez com que eu mudasse para melhor.

— O que quer dizer?

— Foi uma longa e dolorosa provação. Só no mês passado confrontei a realidade e passei a entender o que aconteceu. Por muito tempo achei que odiava meu ex-marido, mas não era verdade. Como poderia odiá-lo se não tinha deixado de amá-lo?

— O que você sente por ele agora?

Lacey teve de pensar na resposta.

— No geral, não sinto nada. Eu o perdoei.

— Você? Ele deveria ter implorado pelo seu perdão!

Lacey sorriu, conhecia Peter muito bem.

— Eu poderia esperar uma eternidade e isso jamais aconteceria. Ele acha que fui *eu* quem fracassei com *ele*, e talvez eu tenha fracassado mesmo, de certa forma. Ele precisava de uma desculpa para justificar o que estava fazendo comigo.

— Mark também me culpou. Como pôde perdoar o Peter? Não consigo entender.

— De fato, ele não pediu meu perdão. Mas não fiz isso por *ele*, eu o fiz por *mim*. Caso contrário, sua traição teria me destruído.

— Mesmo assim, não consigo entender.

— No início, não conseguia lidar com a dor, então fingia que não estava machucada. Mas no último mês, percebi que precisava superar Peter e o fim do meu casamento. E a única maneira de fazer isso foi admitindo minhas falhas e o perdendo. Se não fizesse isso, talvez jamais me livrasse da mágoa que sentia — disse Lacey.

Novas lágrimas correram o rosto de Sarah.

— Nunca serei tão sábia quanto você.

Lacey riu.

— Ah, Sarah! Se ao menos você soubesse quanto tempo levei para aceitar esse divórcio. Devo isso a Jack e a minha amiga Jeanne. Até mesmo Cléo teve um papel importante nisso.

— Jack é maravilhoso — Sarah admitiu e mordeu o lábio inferior. — Fui horrível com ele.

— Esta é a vantagem dos irmãos: eles conseguem perdoar. Podemos confiar que Jack vai perdoá-la. Ele é especial, Sarah, e acho que vocês não terão mais problemas depois de se acertarem.

Elas se sentaram e conversaram, e, conforme as horas iam se passando, Lacey percebeu o quanto tinham em comum. Eram quase dez horas da noite quando a campainha tocou. As duas se entreolharam.

— Não precisa se preocupar. Tenho certeza de que não é Mark — disse Sarah.

Lacey olhou pelo olho mágico mesmo assim. Era Jack. Removendo a corrente da porta, ela a abriu e o abraçou. Ele a beijou como se não se vissem havia semanas e não apenas algumas horas.

— Jack! — A voz de Sarah interrompeu a neblina de paixão que cercava Lacey.

Jack parou de beijá-la, surpreso com a presença da irmã, mas manteve o braço ao redor de sua cintura. Ela observou o rosto dele enquanto ele via sua irmã no sofá, embrulhada na manta de Lacey. Seu olhar foi de Sarah para Lacey e, então, de volta para a irmã.

— Sente-se — Lacey disse, soltando-se de seus braços. — Sarah tem algo para lhe contar.

Então, como sabia o quanto seria difícil, inclinou-se no ouvido de Jack e sussurrou:

— Seja gentil com ela.



— Lacey! — Jack disse irritado. — Não levante isso. É pesado demais para você.

— Não se preocupe — ela insistiu, tirando a caixa de papelão do portamalas da van alugada. Estava pesada, mas ela aguentava. Sarah havia encontrado um apartamento e Jack e Lacey estavam ajudando com a mudança. Foi um mês repleto de acontecimentos. Sarah morou temporariamente com Lacey e as duas conversaram muito, geralmente noite adentro.

— Acho que já deu — Sarah disse, enquanto Lacey colocava a caixa sobre o balcão da cozinha.

Ela olhou por cima do ombro de Lacey e sussurrou:

— O que Jack tem? Ele ficou mal-humorado demais a manhã inteira e, ontem à noite, também não estava muito legal. Você percebeu?

Lacey havia percebido, mas não quis dizer nada.

— Não sei o que ele tem. — Mas de fato havia acontecido alguma coisa.

— Se alguém pode fazer com que ele fale, esse alguém é você.

Lacey se perguntou se aquilo era verdade. Depois do último mês, ela e Sarah eram como irmãs. E, nesse meio tempo, ela chegou a outra, e mais profunda, conclusão: estava completamente apaixonada por Jack.

Para alguém que estava convencida de que jamais seria capaz de se apaixonar outra vez, essa era uma ótima notícia.

— Devo tanto a vocês dois! — Sarah disse quando Jack voltou da van. — Não sei o que teria feito sem vocês nessas últimas semanas. — Ela os abraçou e então se virou em uma tentativa de esconder as lágrimas, que faziam seus olhos

escuras brilharem. — Estou bem agora. Podem ir e se divertir. Não quero que se preocupem comigo.

Jack hesitou.

— Tem certeza?

— Absoluta. — Sarah começou a arrumar as coisas, removendo vários itens da caixa mais próxima e colocando-os sobre o balcão. O tempo todo de costas para eles. — Por favor — acrescentou.

Lembrando-se de sua própria experiência, Lacey sussurrou:

— Ela ficará bem. Só precisa de tempo.

Juntos, Lacey e Jack saíram do prédio de Sarah e foram até onde Jack havia estacionado a van. Ele abriu a porta do passageiro e a ajudou a entrar.

Lacey removeu sua bandana e chacoalhou a cabeça para soltar as mechas de cabelo que estavam grudadas no rosto. Jack se sentou no banco do motorista. Ela percebeu que suas mãos estavam tensas, segurando o volante. Por vários segundos ele simplesmente ficou ali, sentado. Então, deu a partida e saiu com o carro. Mas ainda parecia absorto em seus pensamentos. Havia algo errado.

— Jack — ela disse —, está preocupado com alguma coisa?

Sua voz o tirou do devaneio e ele sorriu como se não estivesse preocupado com nada.

— Com absolutamente nada. Que tal dividirmos um *sundae* com calda quente depois de devolvermos a van?

Parecia uma ótima ideia, mas Lacey havia descoberto, nas últimas semanas, que quase todos os minutos que passava na companhia de Jack eram especiais. *Ele* era especial.

— Você está preocupado com sua irmã? — Lacey perguntou com cuidado, preocupada com seu ar triste. Ela não podia forçá-lo a dizer o que estava acontecendo. Ele falaria com ela quando estivesse pronto, decidiu.

— Não tanto como quando ela estava morando com Mark. Embora tenha sido difícil para ela, descobrir exatamente que tipo de homem ele é foi a melhor coisa que poderia ter acontecido.

— Ela ficará bem — Lacey disse, confiante.

— Graças a você.

— Imagine. Ela sairá dessa experiência um pouco mais madura e bem mais esperta. Foi assim comigo. Mas leva tempo, Roma não foi construída em um dia.

— Eu que o diga. Olha o tempo que levei para conseguir me aproximar de você.

— Mas valeu o esforço, não valeu?

Ele tirou uma mão do volante e bateu de leve no joelho dela. Estavam sentados tão próximos um do outro que seus quadris se tocavam. A manhã estava quente e úmida, mas nenhum dos dois se mexeu, apreciando essa leve intimidade.

— Valeu cada segundo de espera — ele concordou. E então completou, com os olhos escuros e sérios: — Sou louco por você, Lacey. Há meses sou louco por você.

— Também sou louca por você — ela respondeu.

Mas o que era definitivamente louco era que eles estavam admitindo seus sentimentos um pelo outro em uma van em movimento, no meio do fluxo intenso das ruas de São Francisco.

Depois de falarem tão abertamente, os dois pareciam um pouco constrangidos, e bastante apaixonados. Lacey se sentia como se estivesse de volta à faculdade. Os anos de casamento e as consequências do divórcio haviam se esvaído, como se nunca tivessem acontecido.

Deixando o carro de Jack no estacionamento subterrâneo, eles pegaram o elevador. No instante em que as portas se fecharam, Lacey caiu nos braços de Jack. A boca dele procurou pela dela com o desespero de um homem trancado em um quarto escuro, incapaz de encontrar a saída. Os braços dele a levantaram levemente do chão, dando a ela a desculpa perfeita para abraçá-lo mais forte ainda.

— Sou louca por você — ela disse. Sentia-se embriagada, como se tivesse passado as últimas horas em um bar, e não os últimos minutos em seus braços.

Ele pegou o rosto dela com as mãos e a beijou até ela estremecer e gemer. Ele também gemeu.

— Jack! — De algum lugar em seu âmago, conseguiu tirar forças para protestar, mesmo que minimamente. — Ainda estamos no elevador.

Ele levantou a cabeça e olhou ao redor.

— Ah, é?

Ela pôs os braços na cintura dele e inclinou a cabeça para trás, sorrindo.

— Onde está seu lado aventureiro? — ele a provocou beijando seu nariz. Ele se esticou e apertou o botão do quarto andar.

O sentimento intenso de desejo era novo para ela. Lacey achou que morreria se em algum momento ele parasse de beijá-la, amá-la ou tocá-la. Era como se anos de espera contida se libertassem dentro dela, tomando conta de todos os seus sentidos.

Ele a beijou novamente e ela se apoiou no corpo dele assim que o elevador se abriu no quarto andar.

— No seu apartamento ou no meu? — ele perguntou e então tomou a decisão por ela. — No seu.

A mão de Lacey tremia enquanto dava as chaves a Jack. Ela ficou satisfeita ao ver que os dedos dele também não estavam lá muito firmes. Naquele momento, ela o amava tanto que achava impossível esperar mais um único segundo. Os braços dela circularam a cintura de Jack e ela beijou seu pescoço, logo abaixo do maxilar, provocando-o com sua língua, descendo-a e então beijando suavemente a cavidade na base do pescoço.

— Lacey, pare — ele protestou.

— É isso mesmo o que você quer? — ela sussurrou levantando o rosto.

— Não. Nunca pare de me amar. — A porta se abriu e eles entraram cambaleantes.

Foi quando ela ouviu o miado choroso de Cléo. Jack também ouviu. Ele olhou para trás e, então, voltou o rosto para Lacey com os olhos bem fechados.

— Cléo está tendo os filhotes — ele anunciou e então se afastou de Lacey.



Nove



— Cléo está tendo os filhotes agora!

Lacey correu para dentro do apartamento.

— Ai, meu Deus! — Ela cobriu a boca com as mãos e olhou para o armário, onde Cléo havia se aconchegado em um canto escuro.

A gata soltou outro miado choroso.

— Ah, Cléo! — Lacey sussurrou.

Cléo a ignorou, levantou-se do ninho e foi até Jack, entrelaçando-se em suas pernas, o longo rabo deslizando em volta da panturrilha dele. Então, ela voltou para o armário e miou mais uma vez, em súplica.

— Parece que ela quer você — Lacey murmurou, incapaz de disfarçar o espanto. Não fazia sentido Cléo se sentir mais confortável com Jack. Afinal de contas, era Lacey quem a alimentava e cuidava dela.

— Eu?

— Não era para mim que ela estava choramingando agorinha mesmo. — Por acaso ninguém mais entendia o significado de compromisso? Até sua gata foi atrás de outra pessoa quando em dificuldade.

Cléo se levantou mais uma vez, buscando a atenção de Jack. Ele se agachou em frente à porta aberta do armário e a acariciou devagar, enquanto sussurrava palavras de conforto.

— Será que eu preciso ferver água ou algo do tipo? — Lacey perguntou, ansiosa. O momento havia finalmente chegado, mas ela não fazia ideia do que fazer. Achava que Cléo um dia iria calmamente dar à luz seus filhotes enquanto ela estivesse no trabalho.

— Ferver água? — Jack perguntou. — Para quê?

— Eu... sei lá. Para fazer café, acho. — Ela andava de um lado para outro, pelo carpete, atrás de Jack, a passos curtos e rápidos. Segundos atrás, os dois estavam envolvidos em um momento apaixonado e, agora, fazer amor era a última coisa que passava pela cabeça deles.

— Como ela está? — Lacey perguntou, olhando por cima dos ombros de Jack.

— Até agora, ótima. Parece que o primeiro gatinho está prestes a nascer.

— Como está a Cléo? — Lacey perguntou novamente, com as pontas dos dedos pressionadas contra os lábios. — Ela está com medo? Acho que não vou aguentar vê-la sofrendo.

Jack olhou para Lacey, pegou sua mão e beijou seus dedos.

— Ela está bem. Pare de se preocupar, vai acabar passando mal.

Foi Jack dizer isso que o estômago de Lacey começou a doer. Ela colocou as mãos na cintura, sentou-se na beirada da cama e se inclinou para frente.

— Jack, não estou me sentindo muito bem.

— Vá preparar aquele café do qual estava falando — ele sugeriu. — Neste momento, Cléo está se saindo melhor que você.

Cléo choramingou e Jack voltou sua atenção para dentro do armário.

— Ela acabou de dar à luz o primeiro filhote — ele anunciou satisfeito. — Boa garota, Cléo! — ele disse empolgado. — Meu Deus! Venha ver! O filhote da Cléo é igualzinho ao Cão.

Lacey saiu rapidamente da cama para olhá-lo. O estômago não estava melhor, mas ela entendia a fonte de seu desconforto. Estava sofrendo dores de parto solidárias.

— Ele se parece mesmo com Cão. — Ela se agachou ao lado de Jack e estudou a criaturinha feiosa. — Não tenho problemas em lhe dizer, Jack, mas isso me aborrece um pouco.

— Uma xícara de café seria perfeita — ele disse. — Cléo e eu estamos indo bem.

Lacey correu para a cozinha. Quando chegou lá, decidiu que não tinha motivo para correr. Como Jack havia dito de maneira tão eloquente, ele tinha tudo sob controle.

— Como estão as coisas? — ela perguntou quando voltou com o café.

— Ótimas. Acho que Cléo está quase pronta para dar à luz o segundo filhote.

Lacey não estava interessada em assistir ao processo de nascimento, então se sentou na cama e deixou Jack brincar de parteira.

— Aí vem ele! — ele disse, depois de alguns minutos, sua voz elevada de empolgação. — Esse também é a cara do Cão. — Ele se virou com um sorriso orgulhoso, como se ele próprio tivesse dado à luz o filhote.

Murmurando, Lacey se sentou no carpete ao lado de Jack.

Cléo estava ocupada lambendo as pequenas crias. Para Lacey, os filhotes não eram maiores que uma bola de pelo e eram feios de doer, mas isso não impediu que seu coração fosse inundado por uma enxurrada de emoções.

— Você acha que ela acabou?

— Não sei — Jack respondeu. — Quanto tempo duram essas coisas geralmente?

Lacey riu.

— E como é que eu vou saber?

— Você não pretendia cruzá-la?

— Sim, antes do mal-educado do Cão interromper meus planos.

Jack levantou apenas uma sobrancelha.

— Você está feliz por ele ter feito isso, não está?

Lacey não estava disposta a admitir isso.

— Você tem de admitir que assim que Cão conseguiu o que queria, ele seguiu tranquilamente com sua vida.

— Talvez, mas com a Cléo tendo os filhotes do Cão... Bem, foi isso que consolidou nosso relacionamento, não acha?

Ela reprimiu um sorriso.

— Acho que sim.

— Você pode cruzá-la uma próxima vez, se essa for realmente sua intenção.

Ele estava certo. Seria tolo negar.

— Vou pegar o panfleto que o Dr. Christman me deu. Deve ter alguma coisa nele sobre o tempo que esse processo leva para acabar. — Ela o deixou por um momento e voltou, lendo o material que o veterinário havia lhe dado.

— Acho que Cléo já deve ter terminado — Jack anunciou, quando Lacey voltou para o quarto e se sentou na beira da cama. — Ela está dando toda a atenção aos filhotes e não está mais agindo como antes.

— Aqui diz que o processo de nascimento geralmente leva algumas horas — ela recitou e olhou para o relógio em seu pulso. Cléo não levou esse tempo todo nem de perto.

Antes que ela pudesse ler mais alguma coisa, Jack disse:

— Não sabemos quanto tempo fazia que ela estava em trabalho de parto antes de chegarmos.

— É. Poderia muito bem ser umas duas horas. — Ela sentiu uma enorme sensação de alívio por tudo haver terminado. — Ela só teve dois filhotes, mas aqui diz que os gatos da raça abissínia geralmente têm ninhadas menores e os siameses, maiores. Que interessante!

— Acho que temos de agradecer aos céus por Cléo ter tido apenas dois.

— Falando nisso — Lacey disse em tom de superioridade —, você nunca me deu o nome da família que vai ficar com sua metade da ninhada.

— Vou dar um para Sarah — Jack disse, confiante. — Um animalzinho fará bem a ela. Além disso, ela está me devendo uma.

— Mas Sarah quer um gato? — Lacey podia considerar a irmã de Jack como parte da família, mas não queria empurrar um animal para ela caso não quisesse.

— Claro que quer! Os filhotes do Cão e da Cléo são especiais. Além do mais, um gatinho fará companhia a ela enquanto tenta superar o tal do Mark. — Ele franziu a testa como se achasse repulsivo dizer o nome daquele homem. — Não deve demorar muito para ela esquecer aquele desgraçado.

— Não tenha tanta certeza assim — Lacey disse. — Fui casada com um homem que apresentava vários traços semelhantes aos dele. Seja paciente com ela — ela aconselhou e então completou com um sorriso dócil: — assim como foi comigo.

— Você falou tão pouco do seu casamento.

— Se você pegar o que aconteceu com Sarah e só mudar os nomes, a história é a mesma, com apenas algumas diferenças — ela complementou. — A principal diferença é que eu era *casada* com Peter. Poucos meses depois que me mudei para cá, ouvi de um amigo bem-intencionado, que achava que eu deveria saber que ele havia se casado com sua linda loura e que estavam esperando um bebê.

— Belo amigo!

O sorriso de Lacey era triste.

— Foi o que pensei na hora. Essa notícia acabou comigo. Não porque ele havia se casado de novo, mas porque ele fora tão resistente quanto a termos um bebê quando eu queria desesperadamente formar uma família.

Jack deu um gole em seu café e pareceu estar refletindo sobre as informações.

— Você já o esqueceu completamente?

Lacey não sabia ao certo como responder a essa pergunta. Sua hesitação pareceu deixar Jack um pouco preocupado. Ele olhou para ela e franziu a testa.

— Sim, eu o esqueci e, não, não o esqueci.

O canto da boca de Jack subiu, em um meio sorriso.

— Não entendi nada!

— Não o amo mais, se é isso que está perguntando. A parte mais difícil foi ter de abrir mão do sonho de como poderia ter sido nossa vida juntos.

— E você conseguiu? — Suas palavras eram duras e não demonstravam nenhum traço de emoção.

— Sim. — Ela queria agradecer a Jack pelo grande papel que ele teve em seu processo de cura, mas ele não parecia receptivo. Embora ele mesmo tivesse perguntado a ela sobre Peter e seu casamento, ele parecia achar desagradável escutar os tristes detalhes da vida dela com o ex-marido.

Jack se levantou e foi até a sala, levando a xícara de café nas mãos. Ela o seguiu e se deparou com ele em frente à pequena janela que tinha vista para a rua. Ele não se virou. Era quase como se tivesse se esquecido de que ela estava ali.

— Jack?

Ele se virou e deu um sorriso fugaz.

— Você fica incomodado em falar sobre meu ex-marido?

Ele fez que não e colocou a xícara de lado.

— Nem um pouco. Fui eu que perguntei, lembra?

— Sim, mas você pareceu... sei lá, chateado, acho. Peter fez parte de minha vida, e foi uma parte importante por muitos anos. O divórcio foi difícil para mim, mas aprendi com ele. Amadureci. Culpar Peter já não é o que quero. Hoje entendo que também contribuí para o fim de nosso casamento. Não era a esposa perfeita.

— Você disse que não o ama mais?

Ela gesticulou, sem forças.

— Vou colocar desta maneira: não o odeio. Minha felicidade não depende do que está acontecendo na vida dele neste momento. Ela depende de mim e das escolhas que faço, e eu decidi ser feliz. — E ela esperava que essa vida fosse ao lado de Jack. No fundo do coração, pedia a Deus que ele sentisse por ela o mesmo que ela sentia por ele.

Ele sorriu. Lacey podia jurar que nunca havia visto alguém tão bonito. Era estranho, ela sabia, sentir-se daquela maneira por um homem. Não era a aparência dele, embora ele fosse muito atraente. Mas o que ela achava tão fascinante em Jack era quem ele era como pessoa. Era confiável e generoso. Ele a havia ajudado a recuperar sua fé no amor e na vida. O amor dele havia sido uma dádiva preciosa pela qual ela sempre seria grata.

— Jack — ela sussurrou —, o que foi? — Algo ainda o estava incomodando.

Ele foi até Lacey e a abraçou com carinho. Descansou o queixo sobre a cabeça dela e ela ouviu um suspiro retumbar em seu peito.

— Você conseguiu o aumento com o Sr. Sullivan? — ele perguntou.

— Sim. — Lacey tinha certeza de que havia lhe contado, mas os dois andavam tão envolvidos em ajudar Sarah que ele devia ter se esquecido. — Um aumento muito bom.

— Que bom...

Lacey se afastou do peito de Jack e olhou para ele.

— Por que você está me perguntando do Sr. Sullivan?

— Você ama seu trabalho, não ama? Principalmente agora que está ganhando o respeito e o dinheiro que merece?

— Sim, mas o que isso tem a ver conosco?

Ele voltou a abraçá-la.

— Também amo meu trabalho. Trabalho para o California Fidelity há quase dez anos. Na quinta-feira passada, fui promovido. Trabalhei durante anos por essa promoção, mas nunca imaginei que aconteceria tão rápido. Isso me pegou de surpresa.

— Jack, isso é maravilhoso! — Na ponta dos pés, ela o beijou, cheia de orgulho. — Por que não me contou isso antes? Podíamos ter comemorado.

— Minha promoção significa mais uma coisa, Lacey.

— Tenho certeza de que terá mais responsabilidades. Ah, Jack, não poderia estar mais feliz por você!

— Significa — ele disse, com as mãos nos ombros de Lacey — que tenho de me mudar.

O sangue desceu do rosto de Lacey tão rapidamente que ela achou que ia desmaiar.

— Mudar? Para onde?

Ele suspirou e olhou para o outro lado.

— Seattle.



Dez



— Seattle! — Lacey repetiu, pasma. — Quando você pretendia me contar, antes ou depois de conseguir o que queria comigo? — Afastando-se dele, empurrou o cabelo para trás, deixando as mãos caírem, os braços estendidos. — Você é igual ao Cão!

— O que Cão tem a ver com isso? Você está sendo ridícula!

— Não estou, não. Você ia fazer amor comigo e então, como se não significasse nada, ia mencionar que foi transferido? — Tudo estava claro para ela agora. Claro como a luz do sol. Assim como seu gato de rua, ele conseguiria o que queria e, então, iria embora.

— Eu não pretendia fazer nada disso. Você não tem motivo para ficar brava. E, além disso, não aconteceu nada.

— Graças à Cléo. E para sua informação, eu... tenho todo o direito de estar brava. — Sua voz frágil oscilava de emoção, mas ganhava força a cada palavra. — É melhor que você vá embora.

— Não enquanto não resolvermos isso. — Ele firmou os pés no chão como se sugerisse que nem mesmo um guindaste o tiraria de lá, até que estivesse pronto para sair.

Ela apontou o dedo indicador para ele enquanto colocava os pensamentos em ordem, os quais, infelizmente, espalhavam-se como gado sedento em direção a um rio.

— Já ouvi falar de homens como você.

— O quê? — Ele olhou fixamente para ela, como se precisasse examiná-la de perto. — Lacey, pelo amor de Deus, pare agora mesmo antes de dizer algo do qual possa se arrepender.

— Com certeza direi algo. — Ela andou até a porta e a abriu para ele. — Você... você não pode soltar uma bomba como essa e esperar que eu não reaja assim. Quanto a arrependimentos, acredite, Jack Walker, tenho vários. E levará anos para resolvê-los.

— Tudo bem. Tudo bem. — Ele levantou as mãos, rendendo-se. Na verdade, ele agia como se ela estivesse apontando uma arma para ele. — Por favor, feche a porta. Vamos nos sentar e conversar sobre isso como duas pessoas civilizadas.

— Você está querendo dizer que eu não sou civilizada? Porque já vou dizendo, para mim, chega!

— Sente-se — ele disse calmamente e indicou o sofá. — Por favor!

Lacey pensou se deveria fazer o que ele havia pedido. Ela cruzou os braços e olhou para ele.

— Prefiro ficar de pé.

— Você pode fechar a porta?

Ela não havia percebido que seu pé estava segurando a porta aberta.

— Tudo bem — ela disse com firmeza, como se fosse uma grande concessão. Com o queixo erguido, saiu do lugar e a porta se fechou com um estalo alto.

— Eis o que acho que nós devemos fazer... — Jack disse, andando de um lado para outro, em frente à janela pela qual estava olhando pouco tempo antes.

— Nós? — ela perguntou, querendo que ele achasse que ela não estava gostando de como ele automaticamente a incluía em seus planos.

— Eu — ele corrigiu, lançando a ela um olhar aborrecido. — Vou aceitar a promoção, Lacey. Pensei muito sobre isso e não posso deixar a oportunidade passar. Não é o melhor momento, mas não posso fazer nada. Trabalhei arduamente para chegar até aqui e só por causa...

— De mim? — Lacey terminou a frase para ele. — Não precisa se preocupar, Jack, eu não ia pedir para você recusar uma oportunidade maravilhosa como essa. — Apesar do choque e do sentimento de traição, manter a indignação estava se tornando difícil. Sua voz se abrandou consideravelmente. — Eu jamais pediria uma coisa dessas para você.

— Achei que poderia vir para cá uma vez por mês no fim de semana — ele sugeriu.

“Uma vez por mês”, ela pensou, seu coração tão pesado que parecia que havia caído até os joelhos. Depois de ter feito tanta questão de ficar de pé, sentiu uma necessidade repentina de se sentar.

Sentando-se na beira do sofá, mordeu o lábio inferior. Então, esse era o futuro deles. Encontros uma vez por mês. Lacey não era ingênua o suficiente para acreditar que seria de outro jeito. Relacionamentos a distância são difíceis. Os dois começariam com boas intenções, mas ela notou que ele não disse aonde esses encontros chegariam.

Jack gesticulou.

— Diga alguma coisa. Qualquer coisa. Sei que não é a solução ideal. Também será difícil para mim.

— E uma solução cara, também — disse. Ela já sabia como essa história terminaria. Ele viria visitá-la nos primeiros meses, então não conseguiria vir um mês e ela só saberia dele no mês seguinte.

— Podemos fazer isso dar certo, Lacey.

Tentando conter as lágrimas, ela se levantou, foi até Jack e parou diante dele. Os traços de Jack ficavam embaçados à medida que as lágrimas afluíam dos olhos de Lacey. Ela pressionou as mãos nas faces dele, inclinou-se e o beijou. A eletricidade entre eles praticamente crepitava e vários minutos se passaram até Lacey encontrar forças e coragem para se afastar.

— Perguntei para Sarah por que você queria ficar comigo. — Era quase impossível, para ela, falar normalmente. — Ela me disse que você sempre foi assim. Você acha alguém ferido e em sofrimento, alguém que precisa de um pouco de carinho, e então você dá todo o amor que pode dar para essa pessoa. O que ela não disse foi que, assim que essa pessoa retoma suas forças, você se afasta e se despede.

Jack franziu a testa.

— Não estamos falando da mesma coisa. Se quiser saber, você até que foi um desafio quando nos conhecemos. Antes de você, nunca tive muita dificuldade em fazer com que uma mulher concordasse em sair comigo. Quanto a essa outra questão, você está bem por fora.

— E Cão?

Ele franziu a testa mais ainda.

— O que tem ele?

— O gato do beco, solitário e perdido, que você encontrou e amou.

Um pequeno sorriso surgiu no rosto de Jack.

— Acho que Cão não gostaria muito dessa descrição. Nós nos tolerávamos no começo. Hoje em dia, compartilhamos uma tentativa de amizade.

— Você o acolheu, deu-lhe um lar e...

— Espere só um minuto — Jack disse severamente. — Você não está sugerindo que minha relação com Cão tem alguma coisa a ver conosco, está?

Era evidente que ele não entendia nem percebia as semelhanças. Despedir-se de Jack seria uma das coisas mais difíceis que ela teria de fazer, mas, apesar do que havia dito pouco tempo antes, faria isso sem arrependimentos. Ele deu a ela bem mais do que ele próprio imaginava. Com o amor e o apoio de Jack, ela aprendeu a esquecer o passado. Seu amor havia dado a ela a coragem para seguir em frente.

— Obrigada — ela sussurrou. Deixou as mãos caírem e se afastou.

— Por que está me agradecendo? — ele perguntou. — E por que está parecendo uma outra maneira de dizer adeus?

Ela nem ao menos hesitou.

— Porque é.

Ele ficou visivelmente abatido.

— Não é isso que você quer — ele murmurou.

Lacey não sabia mais o que dizer. Diversos argumentos passavam por sua cabeça. Seria fácil fingir que nada mudaria depois que Jack fosse para Seattle, mas isso não era verdade.

Dentro de poucos meses, Lacey não passaria de uma mera lembrança de alguém de quem ele gostara. Como ele mesmo disse, não tinha problemas em encontrar mulheres interessadas nele.

Lacey percebeu que, com toda essa conversa de encontros uma vez ao mês, Jack não lhe prometera nada. Mas, para ser justa, ele também não havia pedido que ela promettesse nada.

— Então acabou, simples assim? — ele disse em um tom seco. — Foi legal conhecer você, tenha uma vida bacana e todas essas bobagens?

Parecia frio e estúpido, mas basicamente era isso mesmo. Incapaz de olhá-lo nos olhos, Lacey fez que sim e abaixou a cabeça.

— Em outras palavras, assim que eu sair pela porta está tudo acabado entre nós?

— É melhor assim — ela sussurrou. As palavras mal passavam pelo nó em sua garganta. Ela pediu a Deus que ele fosse embora antes que se envergonhasse ainda mais quando desatasse a chorar.

— Mais fácil, no fim das contas. Prefiro terminar agora e acabar logo com isso. A mulher que eu amo está me colocando para fora de sua vida. Não faz nenhum sentido.

— O que você está me oferecendo exatamente, Jack? — ela perguntou, desafiando-o. — Um fim de semana por mês... por quanto tempo? Dois ou talvez três meses? Não vai durar...

— Por que não? Para sua informação, espero que não dure mesmo mais que um ou dois meses.

As palavras dele doeram como um tapa na cara.

— Talvez até lá você esteja infeliz o suficiente para querer se casar comigo...

— Casar com você? — Lacey não sabia se havia escutado direito e, se em algum momento na vida as coisas precisavam estar bem claras, este era o momento.

— É claro — ele falou. — Você por acaso não pensou que eu estava planejando fazer essa viagem todo mês para o resto da vida? Ou achou?

— Bem, sim. Foi exatamente o que pensei — ela murmurou.

— É que eu imaginei que, separados, levaria uns dois meses para você perceber que me amava.

— Sei que amo você agora mesmo, seu idiota! Por que você acha que recusei um sundae com calda quente? Disse hoje mesmo o que sentia por você!

Ele a encarou com ar de suspeita.

— Não, você não disse.

— Jack — ela falou, impaciente —, você estava dirigindo a van de volta para a loja e eu olhei bem em seus olhos e disse.

— O que você disse foi que era louca por mim. Ser louco por alguém é completamente diferente de amar alguém. Se você me ama, precisa deixar isso claro, para não haver dupla interpretação. Você já sabe que eu amo você.

— Não sei, não — ela protestou. — Você nunca me disse o que sente por mim.

Ele fechou os olhos como se estivesse prestes a perder a paciência.

— Um homem não diz esse tipo de coisa à toa, principalmente se a mulher admitiu estar apenas louca por ele. Além disso, não é possível que não saiba o que sinto por você. Um cego na rua saberia que a amei desde o momento em que bateu em minha porta e exigiu que Cão honrasse Cléo.

— Você... nunca disse nada.

— E como poderia? Você era mais arisca que um gato de rua! Levei semanas para conseguir que você pelo menos saísse comigo. E assim que comecei a achar que estava fazendo algum progresso, veio essa promoção. O que mais eu poderia fazer a não ser torcer para que você sentisse tanto a minha falta que aceitasse se casar comigo?

— Aceito — Lacey sussurrou.

Aparentemente, Jack não ouviu.

— Outra coisa — ele disse. — Você acabou de conseguir seu aumento e nunca a vi tão feliz. Você não vai querer deixar a vida que tem agora, justo quando conseguiu o que tanto queria.

— Acho que não ouviu direito, Jack. Eu disse que aceito. Outra coisa, se tenho andado feliz ultimamente, já passou pela sua cabeça que pode ser porque me apaixonei por você?

— Você aceita o quê? — ele perguntou, impaciente.

— Aceito me casar com você. Imediatamente. Amanhã. Ou daqui a dois meses, o que você quiser.

Ele a olhou de soslaio e a encarou, como se não soubesse ao certo se deveria confiar no que ela dizia.

— E seu trabalho?

— Dou aviso-prévio de duas semanas amanhã de manhã, assim que chegar lá.

— Seu aluguel.

— Posso sublocar o apartamento. Escuta aqui, Jack Walker, se acha que vai dar para trás na sua oferta agora, tenho umas coisas a lhe dizer.

Ele se levantou e foi até ela.

— Você está falando sério? Você estaria mesmo disposta a se casar comigo rápido assim?

Ela abriu um sorriso largo e estalou os dedos.

— Rápido assim. Você não acha que vou deixar um homem maravilhoso como você escapar, acha? Não posso deixar você ir embora, Jack. — Ela jogou os braços nos ombros dele e espalhou beijos alegres e ávidos em todo seu rosto.

Jack envolveu a cintura de Lacey com os braços e a levantou do chão. O beijo foi lento, delicado e perfeito. Quando terminaram, Lacey estava com as pernas bambas e sem fôlego.

— Nunca deixarei você ir embora, Jack Walker.

— Agora sim! — ele disse com um toque de arrogância e mais uma vez a puxou para si.

Era exatamente onde ela queria estar. Perto do coração de Jack o tempo todo.



Petiscos Caseiros Para Seu Gato

[6]

Os *pet shops* estão cheios de guloseimas para gatos. Mas você sabia que pode preparar alguns petiscos saudáveis em casa? Eis algumas receitas que conquistarão o coração de seus gatinhos.

PETISCOS DE QUEIJO

$\frac{3}{4}$ de xícara (chá) de farinha de trigo

$\frac{3}{4}$ de xícara (chá) de queijo cheddar em pedaços

5 colheres (sopa) de queijo parmesão ralado

$\frac{1}{4}$ de xícara (chá) de iogurte integral ou coalhada

$\frac{1}{4}$ de xícara (chá) de fubá

Preaqueça o forno a 180 °C. Misture os queijos com o iogurte. Adicione a farinha e o fubá. Se for necessário, acrescente um pouco de água para deixar a massa mais uniforme. Faça uma bola com a massa. Abra a massa, deixando-a com uma espessura de aproximadamente 0,5 cm. Corte-a em pedaços de cerca de 2,5 cm e coloque-os em uma assadeira untada com manteiga e farinha de trigo. Asse por 25 minutos. Rende 24 unidades.

BISCOITOS DE FRANGO

1½ xícara (chá) de frango cozido e desfiado

$\frac{1}{2}$ xícara (chá) de caldo de galinha

1 xícara (chá) de farinha de trigo integral

$\frac{1}{3}$ de xícara (chá) de fubá

1 colher (sopa) de margarina

Preaqueça o forno a 180 °C. Junte o frango, o caldo e a margarina e misture-os bem. Adicione a farinha e o fubá. Faça uma bola com a massa. Abra a massa, deixando-a com uma espessura de aproximadamente 0,5 cm. Corte-a em pedaços de 2,5 cm e coloque-os em uma assadeira sem untá-la. Asse a 180 °C por 20 minutos. Rende 18 biscoitos.

PEDAÇOS DE FÍGADO CROCANTES

½ xícara (chá) de fígado de frango cozido

¼ de xícara (chá) de água

1¼ xícara (chá) de farinha de trigo integral

¼ de xícara (chá) de cenouras cozidas e amassadas

1 colher (sopa) de margarina mole

Preaqueça o forno a 160 °C. Coloque os pedaços de fígado bem passado em um liquidificador com ¼ de xícara de água. Em uma tigela, junte a farinha e a margarina. Adicione a mistura feita com o fígado mais as cenouras e faça uma bola com a massa. Abra a massa, deixando-a com uma espessura de aproximadamente 0,5 cm. Corte-a em pedaços de aproximadamente 2,5 cm e coloque-os em uma assadeira untada com manteiga e farinha de trigo. Asse a 160 °C por 10 minutos. Rende 12 biscoitos.

PETISCOS DE ATUM

1 lata de 170 g de atum

¼ de xícara (chá) da água tirada do atum

3 colheres (sopa) de clara de ovo cozida e picada

¼ de xícara (chá) de fubá

½ xícara (chá) de farinha de trigo integral

Preaqueça o forno a 180 °C. Junte o atum, a clara de ovo e a água. Adicione o fubá e a farinha e misture tudo até formar uma massa. Abra a massa, deixando-a com uma espessura de aproximadamente 0,5 cm. Corte-a em pedaços de aproximadamente 2,5 cm. Asse a 180 °C por 20 minutos. Rende 12 biscoitos.

Notas

[1]

Oliver Twist é um personagem de Charles Dickens, costuma-se dizer que alguém é um Oliver Twist quando essa pessoa nunca está satisfeita e sempre quer mais (N. T.).

[2]

Região onde há uma grande população de chineses. Neste caso, a Chinatown de São Francisco (N. T.).

[3]

Massa recheada com carne ou legumes, que pode ser frita ou cozida (N. T.).

[4]

Frango empanado e frito com pimentões, cebola, chili e gengibre (N. T.).

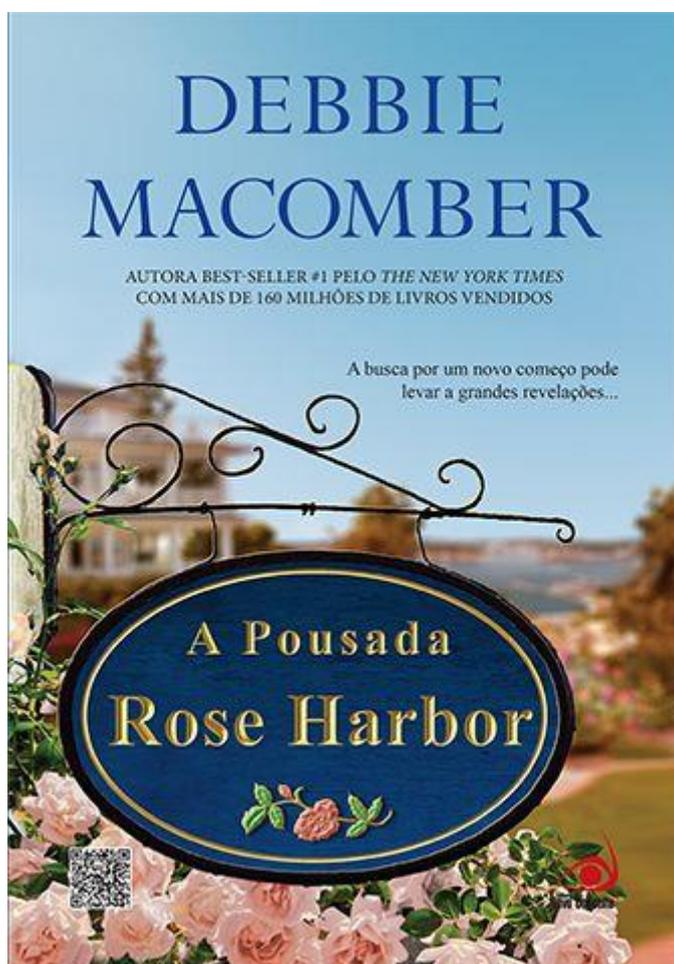
[5]

Fischerman's Wharf é uma antiga região de pescadores de São Francisco conhecida por suas atrações turísticas e pelos restaurantes especializados em frutos do mar (N. T.).

[6]

Estas receitas são uma cortesia do site PetPlace.com (www.petplace.com), fonte on-line de notícias, saúde e bem-estar para seu animal.

Leia também



Capítulo 1



Na noite passada eu sonhei com Paul.

Ele nunca está longe dos meus pensamentos — não se passa um dia em que ele não esteja comigo —, mas Paul não havia participado dos meus sonhos até agora. É irônico, imagino, que ele tenha me deixado, porque antes de fechar os olhos eu fantasio sobre a sensação de ter seus braços à minha volta. Enquanto pego no sono, finjo que minha cabeça está descansando em seu ombro. Infelizmente, nunca mais terei a oportunidade de estar outra vez com meu marido, pelo menos não nesta vida.

Até a noite passada, se eu sonhava com Paul, os sonhos estavam há muito esquecidos na hora em que eu acordava. Este sonho, contudo, ficou comigo, permanecendo em minha memória e me preenchendo com partes iguais de tristeza e alegria.

Quando soube que Paul fora morto, a dor me consumiu por inteira, e eu não pensei que fosse capaz de seguir com minha vida. Mas esta continua seu caminho, e eu tive que fazer o mesmo, arrastando-me de um dia para outro até descobrir que podia respirar normalmente.

Estou em meu novo lar, agora, a pousada que comprei há menos de um mês na Península Kitsap, em uma aconchegante cidade litorânea chamada Cedar Cove. Decidi batizá-la de Pousada Rose Harbor. “Rose” vem de Paul Rose, meu marido por menos de um ano; o homem que sempre vou amar e por quem vou chorar pelo resto de minha vida. “Harbor” (porto), porque este é o lugar em que joguei minha âncora no momento em que a tempestade da perda me abateu.

Isso parece tão melodramático, mas não há outro jeito de dizê-lo. Embora eu esteja viva, funcionando normalmente, às vezes me sinto meio morta. Paul odiaria me ouvir dizer isso, mas é verdade. Eu morri com Paul, abril passado, em uma encosta de montanha num país a meio mundo de distância, enquanto ele lutava pela segurança de nossa nação.

A vida que eu conhecia acabou no tempo de uma batida de coração. O futuro com o qual eu sonhava foi roubado de mim.

Os conselhos dados a quem está de luto diziam que eu devia esperar um ano antes de tomar grandes decisões. Minhas amigas me disseram que eu me arrependeria de largar o emprego, sair de minha casa em Seattle e me mudar para uma cidade estranha.

O que elas não compreendiam era que eu não encontrava conforto na familiaridade, nem alegria na rotina. Mas como respeito a opinião delas, eu me dei seis meses. Nesse tempo nada me ajudou, nada mudou. Mais e mais eu senti a necessidade de ir embora, de começar uma vida nova, certa de que somente assim encontraria paz, e a dor horrenda dentro de mim diminuiria.

Comecei minha busca por uma vida nova na internet, procurando em várias regiões dos Estados Unidos. A surpresa foi encontrar exatamente o que eu procurava no meu próprio quintal.

A cidade de Cedar Cove fica do outro lado do Estreito de Puget, oposta a Seattle, e é uma cidade da Marinha, situada bem em frente ao estaleiro de Bremerton. No minuto em que encontrei essa charmosa pousada à venda, meu coração começou a bater em ritmo acelerado. Eu, proprietária de uma pousada? Não pensara em assumir um negócio, mas instintivamente sabia que precisaria de algo para preencher meu tempo. Como benefício adicional, sempre gostei de receber hóspedes.

Com varanda à volta toda e a incrível vista da enseada, a casa era arrebatadora. Em outra vida eu conseguiria me imaginar sentada na varanda com Paul, após o jantar, tomando café quente e conversando sobre nosso dia e nossos planos. Com certeza a fotografia colocada na internet fora tirada por um profissional que soubera mascarar seus defeitos. Nada, aparentemente, poderia ser tão perfeito.

Ou poderia. No momento em que encostei o carro, acompanhada pela corretora, fui envolvida pelo encanto da pousada. Ah, sim, com a brilhante iluminação natural e as grandes janelas com vista para a enseada, aquela pousada já tinha cara de lar. Era o lugar perfeito para começar minha vida nova.

Embora eu deixasse Jody McNeal, a corretora, me mostrar o imóvel, não restava uma única dúvida na minha cabeça. Era meu destino ser a proprietária daquela pousada; era como se ela tivesse ficado todos aqueles meses no mercado

esperando por mim. Tinha oito quartos espalhados pelos dois pisos superiores, e no térreo havia uma cozinha, grande e moderna, ao lado de uma espaçosa sala de jantar. Originalmente construída no início do século 19, a casa se debruçava sobre um deslumbrante panorama marinho. Cedar Cove ficava abaixo, disposta ao longo da Rua do Porto, que serpenteava pela cidade com lojinhas dos dois lados da rua. Eu me senti atraída pela cidade antes mesmo de poder explorá-la.

O que mais me chamou a atenção na pousada foi a sensação de paz que experimentei assim que entrei nela. O peso no coração, que era meu companheiro constante, pareceu ficar mais leve. A dor que eu carregava há meses comigo diminuiu. Naquele lugar veio serenidade, uma paz difícil de descrever.

Infelizmente, o contentamento não durou muito; meus olhos se encheram de lágrimas, deixando-me constrangida, quando terminamos a visita. Paul também teria amado aquela pousada. Mas eu a administraria sozinha. A corretora teve a delicadeza de fingir que não reparara nas emoções que eu lutava para disfarçar.

— Bem, o que você acha? — perguntou Jody, ansiosa, enquanto saíamos pela porta da frente.

Eu não dissera palavra alguma durante toda a visita, nem fizera uma pergunta sequer.

— Eu fico com ela.

Jody se inclinou na minha direção, como se não tivesse escutado direito.

— Desculpe?

— Eu gostaria de apresentar uma proposta. — Eu não hesitei. Àquela altura não tinha dúvida. O preço pedido era mais do que justo e eu estava pronta para seguir adiante.

Jody quase deixou cair a pasta repleta de informações detalhadas sobre a propriedade.

— Não é bom você pensar melhor? — sugeriu ela. — Essa é uma decisão importante, Jo Marie. Não me entenda mal; eu quero muito fazer esta venda; só que nunca vi alguém tomar uma decisão tão importante de forma tão... rápida.

— Vou pensar até amanhã, se você deseja, mas não preciso. Eu soube que este é o lugar assim que o vi.

No momento em que minha família ouviu que eu pretendia deixar meu emprego no Columbia Bank e comprar a pousada, todos tentaram me dissuadir, principalmente meu irmão Todd, o engenheiro. Eu tinha conquistado o cargo de gerente-assistente na agência Denny Way, e ele receava que eu estivesse jogando fora uma carreira promissora. Todd sabia que eu acabaria me tornando gerente. Eu dedicara quase quinze anos ao banco, sempre fora uma boa funcionária e meu futuro na instituição parecia brilhante.

O que as pessoas ao meu redor aparentavam não compreender era que a vida que eu conhecia, do jeito que eu a queria e como a sonhava, tinha acabado. A única forma de eu me realizar era encontrar uma nova vida.

Assinei a proposta pela pousada no dia seguinte e minha determinação não fraquejou nem por um instante. Os Frelinger, proprietários do lugar, aceitaram de bom grado minha proposta, e em questão de semanas — pouco antes dos feriados — estávamos reunidos no cartório para assinar toda a aborrecida, mas necessária, papelada. Eu lhes entreguei um cheque visado e peguei as chaves da pousada. Os Frelinger não tinham aceitado reservas para as últimas semanas de dezembro, pois pretendiam passar esse período com os filhos.

Saindo do cartório, fiz um pequeno desvio para passar na Junta Comercial, onde solicitei a mudança de nome da pousada. Batizei-a de Pousada Rose Harbor.

Voltei para Seattle no dia seguinte e entreguei minha carta de demissão ao Columbia Bank. Passei o feriado de Natal empacotando meu apartamento de Seattle e preparando-me para a mudança através do Estreito de Puget. Embora estivesse me afastando uns poucos quilômetros, era o mesmo que ir para o outro lado do país. Cedar Cove era um mundo totalmente diferente — uma cidade pitoresca na Península Kitsap, distante da vida agitada da cidade grande.

Percebi que meus pais ficaram decepcionados porque não passei todo o feriado com eles no Havaí, uma tradição de nossa família. Mas eu tinha tanto a fazer para me aprontar para a mudança, incluindo organizar minhas coisas e de Paul, empacotar tudo e vender minha mobília. Precisava me manter ocupada — o que me ajudaria a manter a cabeça sem pensar no primeiro Natal sem Paul.

Mudei-me oficialmente para a nova casa na segunda-feira seguinte ao Ano-Novo. Felizmente os Frelinger me venderam a pousada como uma transferência de proprietários. Assim, tudo de que eu precisava eram algumas cadeiras, uma luminária que pertencera a minha avó e coisas pessoais. Desencaixotar a mudança não demorou muito. Escolhi como meu quarto a suíte do andar principal — que os Frelinger usavam como seu espaço pessoal. A suíte tinha uma lareira e um recanto com janela para a enseada. O aposento era grande o suficiente para acomodar a mobília de um dormitório e um sofá próximo à lareira. Gostei principalmente do papel de parede, coberto de hortênsias brancas e lilases.

Quando a noite desceu sobre a pousada, eu estava exausta. Às oito da noite, enquanto a chuva batia contra as janelas e o vento assobiava por entre as sempre-vivas que cobriam um lado da propriedade, fui para meu quarto no andar principal. O clima tempestuoso tornou ainda mais aconchegante o fogo trêmulo na lareira. Não senti nenhuma estranheza por estar me acomodando em um lugar novo. Senti-me bem-vinda naquela casa desde o momento em que entrei pela porta da frente.

Os lençóis estavam limpos e esticados quando me deitei. Não me lembro de pegar no sono, mas o que logo vem à mente é aquele sonho com Paul, tão vívido e real.

Na terapia do luto aprendi que os sonhos são importantes no processo de cura. O orientador descreveu dois tipos diferentes de sonhos. O primeiro e provavelmente mais comum é de sonhos com nossos amados — memórias que ganham vida.

O segundo tipo é o dos sonhos de visitação, quando o ente querido cruza a separação entre vida e morte para visitar quem deixou para tr s. Aprendemos que esses são, geralmente, sonhos reconfortantes: o falecido vem mostrar aos vivos que está feliz e em paz.

Fazia oito meses que eu recebera a notícia de que Paul morrera em uma queda de helicóptero em Hindu Kush, a cadeia de montanha que se estende entre o centro do Afeganistão e o norte do Paquistão. O helicóptero do exército fora abatido pela Al-Qaeda ou por um de seus aliados do Talib ; Paul e cinco dos seus camaradas dos Rangers aerotransportados morreram instantaneamente. Por causa do local da queda, foi impossível recuperar seus corpos. A notícia da morte

dele já era muito difícil, mas ser impossibilitada de enterrar seu corpo foi ainda mais cruel.

Durante dias após eu receber a notícia mantive no coração a esperança de que Paul tivesse, na verdade, sobrevivido. Eu estava convencida de que, de alguma forma, meu marido encontraria um modo de voltar para mim. Isso era impossível. Fotografias aéreas do local da queda logo confirmaram que ninguém sobrevivera. No final, tudo que realmente importava era que o homem que eu amava e com quem tinha me casado se fora. Ele nunca mais voltaria para mim, e com o passar das semanas e dos meses eu vim a aceitar a notícia.

Demorei muito para me apaixonar. A maioria das minhas amigas se casou na faixa dos vinte anos, e com trinta e poucos já tinham começado suas famílias. Eu fui madrinha seis vezes.

Do meu lado, permaneci solteira até meus trinta e tantos anos. Eu tinha uma vida ocupada e feliz, envolvida tanto pela carreira quanto pela família. Nunca senti a necessidade de me casar apressadamente ou de ouvir minha mãe, que insistia para que eu encontrasse um homem bom e deixasse de ser tão seletiva. Namorei bastante, mas nunca houve alguém que eu sentisse que poderia amar pelo resto de minha vida, até que encontrei Paul Rose.

Como eu demorara trinta e sete anos para encontrar minha metade, não imaginava que o amor pudesse me encontrar duas vezes. Francamente, eu nem sabia se queria me apaixonar novamente. Paul Rose era tudo que eu esperava encontrar em um marido... e muito mais.

Nós nos conhecemos em um jogo de futebol do Seahawks. O banco me dera ingressos e eu levava comigo um dos nossos melhores clientes e sua esposa. Enquanto nos acomodávamos em nossos lugares, reparei em dois homens com corte de cabelo militar sentados ao meu lado. Durante o jogo, Paul apresentou-se e também seu amigo de exército, e puxou conversa. Ele me disse que estava estacionado em Fort Lewis. Como eu, gostava de futebol. Meus pais eram torcedores entusiasmados do Seahawks, e eu crescera em Spokane assistindo aos jogos na televisão após ir à igreja aos domingos com eles e meu irmão mais novo, Todd.

Paul me convidou para tomar cerveja enquanto saíamos do jogo naquela tarde, e nos vimos praticamente todos os dias depois disso. Descobrimos que compartilhávamos muito mais do que o amor pelo futebol: tínhamos as mesmas inclinações políticas, íamos muitos dos mesmos escritores e adorávamos comida

italiana. Também tínhamos em comum o vício em Sudoku. Nós podíamos conversar durante horas, algo que fazíamos com frequência. Dois meses após nos conhecermos ele foi enviado para a Alemanha, mas a separação não conseguiu deter o desenvolvimento da nossa relação. Não se passava um dia em que não mantínhamos contato de um jeito ou de outro — e-mail, sms, Skype, Twitter e todos os meios de que dispúnhamos para nos falar e ver. Sim, nós até mesmo escrevíamos cartas de verdade, com papel e caneta. Eu ouvira pessoas afirmarem que sentiram “amor à primeira vista”, do que zombei. Não sei se posso dizer que foi isso que aconteceu com Paul e eu, mas foi algo parecido. Uma semana após tê-lo conhecido eu já sabia que ele era o homem com quem me casaria. Paul disse que sentiu o mesmo a meu respeito, embora afirmasse que bastou um encontro.

Preciso admitir isto: o amor me mudou. Eu estava mais feliz do que em qualquer outro momento de que conseguia me lembrar. E todos notaram.

No Dia de Ação de Graças, há um ano, Paul pegou um avião para Seattle e me pediu para ser sua esposa. Ele até mesmo conversou com meus pais antes. Estávamos loucamente apaixonados. Eu tinha esperado muito tempo, e quando lhe entreguei meu coração foi para sempre.

Logo depois de nosso casamento, em janeiro, Paul recebeu ordens de ir para o Afeganistão. O helicóptero foi abatido em 27 de abril e meu mundo desabou.

Eu nunca sentira esse tipo de dor e receio ter lidado mal com a situação. Meus pais e irmão ficaram preocupados comigo. Foi minha mãe que sugeriu a terapia do luto. Como eu estava desesperada para encontrar uma forma de amenizar minha dor, concordei. No fim, gostei de ter participado das sessões. Elas me ajudaram a entender meus sonhos, principalmente o que tive na primeira noite na pousada.

Ao contrário do que me disseram sobre os sonhos de visitação, Paul nada fez para me garantir que estava em paz. Ao contrário, ele apareceu diante de mim com todo o seu equipamento militar. Estava envolto por uma luz tão brilhante que era difícil olhar para ele. Mesmo assim, não consegui desviar o olhar.

Eu quis correr até ele, mas tive medo de que, se me mexesse, ele desapareceria. Eu não aguentaria perdê-lo novamente, mesmo que fosse apenas uma aparição.

Ele não falou logo. Nem eu, insegura sobre o que podia ou devia falar. Lembro que a emoção encheu meus olhos de lágrimas e cobri minha boca com medo de chorar alto.

Então ele se aproximou e me pegou em seus braços, estreitando-me e passando a mão pela minha nuca, para me confortar. Eu me agarrei a ele, para que não fosse embora. Ele sussurrou e repetiu palavras delicadas de amor.

Quando o nó na minha garganta diminuiu, ergui a cabeça e nossos olhares se encontraram. Senti como se ele estivesse vivo e nós precisássemos pôr o assunto em dia após uma longa ausência. Havia tanto que eu queria lhe contar, tanto que eu queria que ele explicasse. O fato de ele ter uma apólice de seguro tão valiosa foi um choque. Primeiro eu me senti culpada por aceitar uma quantia tão grande de dinheiro. Esse dinheiro não deveria ir para a família dele? Mas sua mãe tinha morrido e o pai se casara novamente e mudara para a Austrália. Eles nunca foram muito próximos. O advogado me disse que Paul fora claro em suas orientações.

No meu sonho eu queria dizer a Paul que usara o dinheiro para comprar a pousada e que a batizara com seu nome. Uma das primeiras melhorias que eu queria fazer era um jardim com roseiras, um banco e um caramanchão. Mas no sonho eu não disse nada disso, porque parecia que ele já sabia.

Ele afastou o cabelo da minha testa, onde me beijou suavemente.

“Você fez uma boa escolha”, sussurrou ele, os olhos calorosos de amor. “Com o tempo você reencontrará alegria.”

Alegria? Eu quis discutir com ele. Aquilo não parecia provável, nem mesmo possível. Uma pessoa não se cura daquele tipo de dor. Eu me lembro de como meus familiares e amigos se esforçavam para encontrar as palavras certas para me confortar. Mas não existem palavras... simplesmente não existem.

Ainda assim, não discuti com ele. Eu queria que o sonho durasse e temia que se o questionasse ele sumiria, e eu queria que Paul ficasse comigo. Uma sensação de paz me envolvia, e meu coração, que carregava um peso imenso, pareceu um pouco mais leve.

“Não sei se consigo viver sem você”, disse eu, o que era verdade.

“Você consegue e viverá. Na verdade, sua vida será longa e plena”, insistiu Paul. Ele parecia o oficial que fora em vida, dando ordens que não deviam ser questionadas.

“Você sentirá alegria novamente”, repetiu ele, “e boa parte dela virá da Pousada Rose Harbor.”

Franzi a testa. Sabia que estava sonhando, mas o sonho era tão vívido que eu queria acreditar que aquilo estava realmente acontecendo.

“Mas...” Minha cabeça estava cheia de perguntas.

“A pousada é meu presente para você”, continuou Paul. “Não duvide, meu amor. Deus irá lhe mostrar.” Em seguida ele desapareceu.

Eu chorei alto, implorando para ele voltar, e meu próprio choro me acordou. Minhas lágrimas eram reais; eu sentia a umidade no rosto e na fronha.

continua...

Created by AVS Document Converter

www.avs4you.com